

A. Tchekov

A GAIVOTA

Tradução de Fiama Hasse Pais Brandão

Teatro

PERSONAGENS

ARKADINA, Irena Nicolaevna (Senhora Trepilovna pelo casamento), atriz

TREPLEV, Konstantin Gavrilovich (Kostia), seu filho. Um jovem

SORIN, Piotr Nicolaievich (Petrusha), irmão de Irena

ZARIECHNAIA, Nina Mihailovna, jovem filha de um proprietário rural endinheirado

SHAMRAEV, Ilia Afanasievich, tenente retirado e administrador de Sorin

POLINA ANDREEVNA, sua mulher

MASHA (Maria Ilichna), sua filha

TRIGORIN, Boris Aleksievich, escritor

DORN, Yevgeny Sergievich, escritor

MEDVEDENKO, Semion Semionovich, professor

YAKOV, moço

UM COZINHEIRO

UMA RAPARIGA

A acção decorre na quinta de Sorin. Entre o terceiro e o quarto acto há um intervalo de dois anos.

ACTO I

Uma zona do parque, na propriedade de SORIN. Uma larga alameda estende-se desde o local onde foi disposta uma plateia até ao fundo do parque, onde há um lago. Uma plataforma destinada a palco, que foi construída à ultima hora para uma representação entre amigos, e está colocada no meio da avenida com a cortina descida, tapa a visão do lago. De um e de outro lado da plataforma, vegetação. Algumas cadeiras, uma mesa. O Sol acabou de se pôr. YAKOV e mais alguns trabalhadores estão no palco, ocultos pela cortina. Ouvem-se pancadas de martelo e som de tosse. MASHA e MEDVEDENKO aproximam-se, pela esquerda, no regresso de um passeio.

MEDVEDENKO Anda sempre vestida de preto, porquê?

MASHA Ando de luto pela minha vida. Sou infeliz.

MEDVEDENKO E é infeliz porquê? *(Mergulhando nos seus pensamentos)* Não percebo...Tem saúde, e o seu pai, não sendo rico, vive bem. Aliás, a minha vida é muito mais difícil do que a sua. De um total de vinte e três rublos que recebo por mês, ainda me descontam para a reforma. Mas não ando de luto.

MASHA Não tem a ver com dinheiro. Até um pobre pode ser feliz.

MEDVEDENKO Em teoria, não. Mas o caso concreto é bem outro: eu, a minha mãe, as minhas duas irmãs e o meu irmão pequeno, todos a viver com um ordenado de vinte e três rublos. Dá para comer e beber? E o chá, e o açúcar? E o tabaco. Quem puder que se arranje.

MASHA *(Olhando a platafonnia)* .O espectáculo está quase a começar.

MEDVEDENKO Pois está. Vamos ver a Zarechnaya numa peça do Konstantin Gavrilovich. Eles amam-se; e hoje as suas almas vão fundir-se, no desejo de nos darem a mesma e única criação artística. Mas as nossas almas, a minha e a

sua, não têm quaisquer pontos de contacto. Amo-a, tenho saudades e não consigo ficar em casa, e lá venho eu, seis quilómetros para cá e outros tantos para trás. E o que é que recebo de si? Só indiferentismo. É natural. Sem dinheiro e com uma família numerosa... Quem é que pensa em casar com um homem que nem para comer tem?

MASHA Só disparates. *(Toma uma pitada de rapé)* Claro que me toca saber que você gosta de mim, mas não posso retribuir-lhe, é só isso. *(Estende-lhe a caixa de rapé)* Não quer?

MEDVEDENKQ Não me apetece, agora.

(Pausa)

MASHA O. ar está abafado, vem aí um temporal, esta noite. Você só sabe filosofar ou falar de dinheiro. O pior mal para si, é a pobreza; mas eu antes queria andar coberta de andrajos, a mendigar pelas esquinas, do que... Não vale a pena, você é incapaz de compreender.

(Entram SORIN e TREPLEV, pela direita)

SORIN *(Amparando-se numa bengala)* Pois eu, meu rapaz, viver no campo, não, de modo algum me hei-de habituar. Ontem fui deitar-me às dez, e levantei-me hoje às nove com a perfeita sensação de ter dormido tanto tempo que tinha os miolos colados ao crânio... ou coisa assim. *(Ri)* A seguir ao almoço, caí outra vez no sono, sem dar por isso, e agora estou todo partido, todo o corpo. É um verdadeiro pesadelo, e está tudo dito!

TREPLEV Pois, tu devias viver na cidade... *(Vendo Masha e Medvedenko)* Meus senhores, quando for mesmo para começar, nós chamamos. Agora não podem estar aqui. Por favor, vão-se embora.

SORIN . *(Para Masha)* Marya Ilinichna, podia ter a gentileza de pedir a seu pai que mande soltar o cão, para ele não uivar? A minha irmã passou mais uma noite em claro.

MASHA Fale com o meu pai. Por favor, poupe-me. *(Para Medvedenko)* Vamos!

MEDVEDENKO *(Para Treplev)* Veja lá, se não nos chama a tempo, antes de começar.

(MEDVEDENKO e MASHA saem)

SORIN Quer dizer que o cão vai continuar a uivar, pela noite fora. Sabes que mais? Eu nunca vivi a meu gosto, no campo. Noutros tempos, tirava umas férias de quatro semanas e vinha para aqui descansar, e logo me vinham aborrecer com toda a espécie de disparates, era de tal maneira que desde o primeiro dia só me apetecia fugir. *(Ri)*

Partir daqui sempre foi para mim muito agradável. Bem, agora que estou reformado não tenho outro sítio para onde ir, e está tudo dito. Melhor ou pior, temos de ir vivendo.

YAKOV Konstantin Gavrilovich, ainda vamos ali abaixo, tomar um banho.

TREPLEV Vai. Mas são dez minutos, para estares de volta, e todos a postos. Começamos daqui a pouco.

YAKOV Sim, senhor.

TREPLEV *(Abarcando com o olhar todo o palco)* Ora, aqui temos um teatro! A cortina, dois bastidores, e depois, ao fundo, o espaço livre. Cenários, não há. Tem-se uma visão ampla e aberta do lago e do horizonte. A cortina vai subir às oito e meia em ponto, ao nascer da Lua.

SORIN Esplêndido.

TREPLEV Se a Zarechnaya se atrasar, o efeito perde-se. Já cá devia estar, já era tempo. O pai e a madrastra tanto a seguram em casa, que, para ela, sair é como rebentar com os muros duma prisão. *(Ajeita a gravata do tio)* O cabelo e a barba estão com aspecto desleixado. Precisas de os aparar, talvez...

- SORIN *(Penteando a barba)* Essa é a tragédia da minha vida. Já quando era novo tinha o mesmo aspecto. A aparência de uma pessoa que passa o tempo a beber, e está tudo dito. As mulheres nunca me quiseram. *(Senta-se)* A minha irmã está mal-humorada não sei porquê.
- TREPLEV Está aborrecida *(Senta-se ao pé do tio)*, e com ciúmes. Pôs-se contra mim, contra o espectáculo e contra a minha peça, só porque o seu querido escritor é capaz de achar graça à Zarechnaya. Não conhece uma só linha da peça, e já a detesta.
- SORIN *(Ri)* Fantasia não te falta.
- TREPLEV Ela está antecipadamente raivosa com o sucesso que a Zarechnaya vai conseguir sobre estas minúsculas tábuas. *(Vê as horas)* A minha mãe é uma boa piada, psicologicamente falando. Tem talento, ninguém o nega, é inteligente, é capaz de verter litros de lágrimas nas páginas de um livro; e despeja-te o Nekrassov inteirinho de uma vez só, e sabe tratar doentes como um autêntico anjo, mas se alguém diante dela gabar a Duse... Ai, ai, para ser gabada, só ela e mais ninguém. E somente a seu respeito, sempre, se poderá escrever; só ela há-de ser posta nas alturas. Quase nos obriga a ficar extasiados com o seu desempenho assombroso na “Dama das Camélias” ou na “Embriaguez da Vida”. Agora, como está aqui no campo, sem o narcótico da fama e da lisonja, sente-se maçada, irritada. Para ela, somos todos inimigos, e a culpa é exclusivamente nossa. Além disso é supersticiosa, tem medo de três velas acesas ao mesmo tempo e tem imenso receio do número treze. E é avarenta como os avarentos. Tem setenta mil rublos no banco, em Odessa, - sei-o ao certo. Mas, se lhe pedires um empréstimo, desfaz-se em choro.
- SORIN Pensas que a tua peça não vai agradar à tua mãe, estás perturbadíssimo, e está tudo dito. Mas acalma-te. A tua mãe adora-te.
- TREPLEV *(Desfolha um a flor)* Bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer. *(Ri)* Evidentemente! Estás a ver, a minha mãe não gosta de

mim! É natural. Ela o que deseja é que a deixem viver a vida, amar, usar blusas de cores vivas, e eu sempre aqui, com os meus vinte e cinco anos a lembrarem-lhe constantemente que já não é nenhuma jovem. Quando eu não ando por perto, ela só tem trinta e dois anos. Mas se estou ao pé dela, tem mais dez, e é por isso que me odeia. Mais, ela sabe que eu me recuso a aceitar o teatro. Ela ama o teatro. Ela vê-se a si própria ao serviço da humanidade e da causa sagrada da Arte. Ora, na minha opinião, o teatro é uma perfeita rotina imbuída de puro convencionalismo. Quando a cortina sobe, deixa à nossa vista um espaço delimitado por três paredes, iluminado por uma luz artificial, e vemos todos esses artistas sublimes, sacerdotes e sacerdotisas de uma arte sagrada, a imitarem como é que se come, como é que se bebe, se namora, passeia e veste o casaco. Com cenas vulgaríssimas e com frases ocas, põem-se a cozinhar uma moral de uso doméstico, bem ajeitadinha, pequenina, fácil de entender. Afinal servem-nos sempre o mesmo prato de mil e uma maneiras, e eu, por mim, fujo a sete pés, como o Maupassant, espavorido com a vulgaridade da Torre Eiffel, que lhe atrofiava os miolos.

SORIN

Não podemos passar sem o teatro.

TREPLEV

Mas são precisas novas formas. Temos de as conseguir. Se não arranjarmos formas novas, então o melhor é não termos nada. (*Vê as horas*) Gosto muito da minha mãe, muitíssimo, mas fuma, vive às claras com aquele escritor e anda sempre com o nome estampado nos jornais - satura-me, tudo isso. Às vezes, quando muito naturalmente me sinto tão egoísta como qualquer outro ser humano, lamento que a minha mãe seja uma atriz famosa, e antes queria que ela fosse apenas uma mulher vulgar, o que me faria muito mais feliz. Imagina a situação mais absurda e aflitiva do que esta: ela recebia em casa todas as celebridades, actores, escritores - e eu ali, no meio dessa gente, uma nulidade - eles, a tolerarem-me apenas por eu ser filho dela. Afinal quem sou eu? Sou o quê? Larguei a Universidade, no terceiro ano, «devido a circunstâncias», para falar em linguagem de artigo de fundo, «que não dependem da nossa vontade»; talento, não tenho, e dinheiro, tão-pouco; pelo

que está no meu passaporte, sou um pequeno burguês de Kiev. Como sabes, o meu pai, um actor conhecido, provinha da pequena burguesia de Kiev. E aí tens. Quando todos aqueles actores e escritores, que lhe enchiam a sala, me concediam algum vislumbre de benévola atenção, o que eu sentia era que estavam simplesmente a avaliar qual o grau da minha insignificância - imaginava o que estariam a pensar - , e invadia-me uma humilhação profunda.

SORIN A propósito, não farás o favor de me dizer que espécie de pessoa é o escritor? Não consigo perceber como é. Está sempre calado.

TREPLEV É uma pessoa inteligente, simples... um bocado melancólico. Muito decente. Ainda não tem quarenta mas já é famoso e já tudo lhe enjoa. Só bebe cerveja e só consegue gostar de mulheres de certa idade. Bem, quanto ao que ele escreve propriamente, como hei-de dizer? Cativa o leitor, tem imenso jeito... mas depois de um Tolstoi ou de um Zola, quem é que tem paciência para ler o Trigorin?

SORIN Eu adoro a gente da literatura, meu rapaz. Em tempos que já lá vão, tinha um sonho desesperado: que a vida me desse duas coisas, casar-me e ser escritor. E não consegui nem uma coisa nem outra. Pois é, mesmo que se seja um escritor menor, dá satisfação – e está tudo dito.

TREPLEV Estou a ouvir-lhe os passos... *(Beija o tio)* Não sei viver sem ela. Nela, até o som dos passos é belo... Sou feliz, loucamente feliz. *(Corre ao encontro de NINA Zarechnaya, que vem a entrar)* Minha feiticeira, sonho da minha vida...

NINA *(Nervosa)* Não estou atrasada... Tenho a certeza, não estou atrasada...

TREPLEV *(Beijando-lhe as mãos)* Não, não estás...

NINA Passei o dia num desassossego, aflitíssima, com imenso medo de que o meu pai não me deixasse vir... mas ele

saiu, há bocadinho, com a minha madrastra. O céu, todo vermelho, a Lua começava a subir – eu a dar pressa ao cavalo, rápido, muito rápido, o mais que podia. *(Ri)* Ainda bem que cheguei. *(Aperta a mão de SORIN, calorosamente)*

SORIN *(Rindo)* Mas esses olhos parece que estiveram a chorar... Ah, ah, não, não pode ser...

NINA Já passou... Veja, estou quase sem respiração. E dentro de meia hora tenho de ir. Vá, tenho mesmo de me despachar. Não posso ficar aqui mais tempo. Por amor de Deus, não tentem reter-me aqui. O meu pai nem sabe que eu vim.

TREPLEV Está mesmo na hora de começar. É preciso ir chamar toda a gente.

SORIN Eu vou, e está tudo dito. Imediatamente. *(Vai sair pela direita, a cantar, e olha em redor)* “Para França dois granadeiros iam”... Estava a cantar isto, uma vez, e um procurador adjunto disse-me: “Vossa Excelência tem uma voz potente” – estive um segundo a pensar e acrescentou: “mas horrorosa!” *(Sai, rindo)*

NINA O meu pai e a mulher não querem nunca deixar-me vir. Dizem que há aqui um ambiente de boémia... Receiam que eu queira ser actriz. Mas eu estou sempre a desejar tanto, tanto, vir para a beira do lago... como se fosse uma gaivota. E o meu coração está tão cheio, tão cheio de si... *(Olha em volta)*

TREPLEV Estamos completamente sós.

NINA Pareceu-me ouvir alguém.

TREPLEV Ninguém. *(Beijam-se)*

NINA Esta árvore, o que é?

TREPLEV É um ulmeiro.

NINA Tão escuro.

TREPLEV Está a anoitecer. Tudo fica escuro. Não se vá embora tão cedo, peço-lhe.

NINA Não posso.

TREPLEV E se eu fosse lá a sua casa, Nina? Ficava no meio das árvores toda a noite, a olhar para a sua janela.

NINA Não podia ficar, o guarda nocturno via-o. E o Trésor não te conhece ainda, punha-se logo a ladrar.

TREPLEV Amo-te.

NINA Chiu...

TREPLEV *(Tendo ouvido passos)* Quem é? És tu, Yakov?

YAKOV *(Atrás do palco)* Sou eu, sim, senhor.

TREPLEV Todos para os seus lugares. Está na hora. A Lua já está a subir?

YAKOV Está sim, senhor.

TREPLEV Tens o metanol? E o enxofre? Quando aparecem os dois olhos vermelhos, tem de se sentir ao mesmo tempo o cheiro a enxofre. *(para NINA)* Pode ir lá para cima. Está tudo em ordem. Nervosa?

NINA Muito, muito. Da sua mãe, não tenho medo. Nenhum. Medo tenho do Trigorin, verdadeiro terror. Ah, que vergonha, representar ali, diante dele... Um escritor famoso... É novo?

TREPLEV É.

NINA Tem histórias maravilhosas.

TREPLEV *(Friamente)* Não sei, nunca li.

NINA É tão difícil de representar, a sua peça. Não tem personagens vivas, nenhuma.

TREPLEV Personagens vivas! A vida não tem de ser reproduzida como é, nem como deveria ser. É a vida que vemos em sonho que nós temos de reproduzir.

NINA A sua peça tem tão pouca acção. São frases, escritas só para serem lidas. E acho que uma peça tem de incluir sempre o amor...

(Desaparecem atrás do palco)

(Entram POLINA Andreevna e DORN)

POLINA Está a ficar húmido. Vá a casa pôr as botas.

DORN Para mim está calor.

POLINA Não tem nenhum cuidado consigo. É pura teimosia. É médico e sabe muito bem que a humidade lhe faz pessimamente, mas gosta de apoquentar-me. Ontem, deixou-se ficar, todo o serão, sentado cá fora no terraço...

DORN *(canta)* “Nunca digas que a tua juventude foi perdida...”

POLINA Estavas tão entusiasmado a conversar com a Irina Nikolaevna... nem dava pelo frio. Ao menos confesse, gosta dela!

DORN Já tenho cinquenta e cinco anos.

POLINA Disparate! Isso não é ser velho, num homem. Estás tão bem conservado, não há mulher que lhe resista...

DORN E o que é que queres que eu faça?

POLINA Vocês estão sempre prontos, e mais que prontos, para se porem de joelhos diante de qualquer actriz que apareça. Vocês todos, todos.

DORN *(Cantando)* “Uma vez mais eu estou aqui diante de ti...”
Se a sociedade acarinha os artistas e os trata de um modo muito diferente do que trata os homens de

negócios, é porque é assim a ordem das coisas. Chama-se a isso idealismo.

POLINA Tem tido constantemente mulheres a apaixonarem-se por si. Não param, atiram-se-lhe à cara. Por idealismo, também?

DORN (*Encolhe os ombros*) Ora, tem havido muita coisa boa nessa nossa relação - minha com as mulheres. O que as mulheres mais apreciavam em mim era eu ser um excelente médico. Bem sabe que há dez ou quinze anos eu era o único obstetra em condições, neste distrito. E sempre fui honesto.

POLINA (*Pegando-lhe na mão*) Ah, meu querido!

DORN Mais baixo. Vem aí gente.

(*ARKADINA e SORIN aproximam-se, de braço dado. Com eles, TRIGORIN, SHAMRAEV, MEDVEDENKO e MASHA*)

SHAMRAEV Simplesmente espantosa, a forma como ela representava. Vi-a, na Feira de Poltava, em 73, um assombro! Absolutamente maravilhosa, a representar. Saberão dizer-me onde está agora o Pavel Semyonich Tchadin? Verdadeiramente inigualável, no papel de Raspluyev. Melhor do que o Sadovsky, posso garantir-lhe, minha estimadíssima senhora. Mas onde está ele, agora?

ARKADJNA Você está sempre a querer saber de gente que vem do tempo do Dilúvio. Eu sei lá? (*Senta-se*)

SHAMRABV (*Suspira*) O Paska Tchadin! Não há hoje nenhum que se lhe compare. Os palcos estão em declínio, Irina Nikolaevna. Nos tempos passados, tínhamos carvalhos imponentes, hoje, só há cepos.

DORN Na verdade, hoje há muito poucos actores verdadeiramente dotados, actores brilhantes, mas o actor médio melhorou bastante, em relação ao que era antes.

SHAMRABV Não posso concordar consigo, de modo nenhum. Pois é, uma .simples questão de gosto, afinal. *De gustibus...aut bene aut nihil.*

(TREPLEV entra, vindo de detrás do palco)

ARKADINA *(Para o filho)* Quando é que começamos, meu querido?

TREPLEV É só mais um minuto. Tenha um pouco de paciência.

ARKADINA *(Recita uma passagem do Hamlet)*
“Meu filho, fizeste
voltar o meu olhar para dentro de mim.
E vejo nódoas tão raiadas e escuras
que nada lhes lavará a tinta.”

TREPLEV *(Do Hamlet:)*
“Porque vos haveis vós entregado ao vício
e procurado o amor nos abismos do crime?”

(Ouve-se um toque de corneta, por detrás do palco)

Senhoras e senhores, vamos começar!
Atenção, por favor! *(Pausa)* Vamos começar. *(Dá pancadas no chão, com uma vara, e diz em voz alta:)*
Vós, ó veneráveis sombras de antanho, vós que perpassais sobre este lago nas trevas da noite, embalai-nos, para que adormeçamos e sonhemos com o que será, quando duzentos mil anos forem decorridos!

SORIN Daqui a duzentos mil anos, já não existe nada, nada!

TREPLEV Muito bem, deixemos que nos mostrem esse nada.

ARKADJNA Mostrem. Já estamos quase a dormir.
(A cortina do palco sobe. Vista do lago. A Lua reflectida no horizonte. Vestida de branco, NINA Zarechnaia está sentada numa pedra enorme)

NINA Os homens, os leões, as águias e as perdizes, os veados, os gansos, as aranhas, os mudos peixes que vivem no mar, as estrelas marinhas e todas as criaturas invisíveis aos nossos olhos, tudo o que vive, tudo e todos, após percorrerem o seu triste ciclo vital, estão agora extintos.

Milhares de séculos foram, entretanto, passando nesta desolada terra, sem um único vivente, e a pobre Lua acende em vão a sua lanterna. Esta campina, já não desperta com os gritos das gralhas, e os ralos já não cantam a sombra das tílias. O frio, o frio, o frio. O vazio, o vazio, o vazio. Terrível, terrível, terrível! *(Pausa)* Os corpos de todas as criaturas vivas desapareceram, feitos pó, e a matéria eterna transformou-os em pedras, água, nuvens. As almas uniram-se numa só alma, e essa alma única e una do mundo sou eu... Eu...! Tenho em mim a alma de Alexandre Magno, a de César, a de Shakespeare e a de Napoleão, e a alma da mais miserável sanguessuga. Em mim se fundiram a consciência dos seres humanos e os instintos das bestas. De todos me relembro, de todos, todos e, no meu próprio ser, eu vivo de novo a vida de cada um e a de todos.

(Aparecem os fogos-fátuos)

ARKADINA Decadente.

TREPLEV *(Censurando e implorando:)* Mamã...

NINA Estou só. E uma vez apenas, de cem em cem anos, abro a minha boca para falar, e a minha voz ressoa melancólica neste lugar ermo e desolado, e ninguém a ouve... Vós, ó pálidos clarões, não me ouvis... As águas estagnadas criam-vos, ao amanhecer, e vagueais, então, até ser dia claro, sem pensamento nem vontade, sem um frémito de vida. Temendo que a vida uma vez mais brote em vós, o Diabo, o progenitor da eterna matéria, momento a momento em vós engendra, tal como nas pedras e na água, uma troca contínua de átomos, e assim ficais, em permanente mudança, para sempre. Tão-só e unicamente, o espírito permanece, no inteiro Universo - constante e imutável. *(Pausa)* Tal como um prisioneiro que foi lançado a um poço vazio e profundo, ignoro onde estou e o que me espera. É-me revelado apenas que na luta tenaz e cruel contra o Diabo, principio das forças materiais, eu estou destinada à vitória - então a matéria e o espírito unir-se-ão, numa maravilhosa harmonia, de que advirá o Reino da Vontade Universal. Tudo isto, no entanto, há-de ser lento, pouco a pouco, no decurso de

uma longa, longuíssima sucessão de milénios, quando a Lua e a fulgente Sirius e a própria Terra estiverem já tornadas pó... E até que venha esse tempo, só nos resta o horror, o horror. *(Pausa. Surgem dois pontos vermelhos)* Eis que se aproxima o meu tão poderoso inimigo, o Diabo. Vejo-lhe os olhos, vermelhos, medonhos...

- ARKADJNA Que cheiro a enxofre! Faz parte?
- TREPLEVE. Faz.
- ARKADINA *(Ri)* Evidentemente. Um efeito cénico!
- TREPLEV Mamã!
- NINA Sem a humanidade, ele aborrece-se...
- POLINA *(Para DORN)* Tirou o chapéu, para quê? Ponha-o já, que ainda se constipa.
- ARKADINA O nosso doutor está a tirar o chapéu ao Diabo, o progenitor da matéria eterna.
- TREPLEV *(Irritado, grita)* Pronto! Acabou-se a peça. Fim! Baixem o pano!
- ARKADINA Estás zangado, porquê?
- TREPLEV Basta! O pano! Baixem o pano! *(Bate os pés)* O pano! *(A cortina desce)* Desculpem. Esqueci-me de que só uns escassos eleitos escrevem peças e as podem representar. É um monopólio, em que eu fui um intruso. Eu... *(Vai dizer algo, desiste, faz um gesto com a mão, desaparece pela esquerda)*
- ARKADINA O que é que ele tem?
- SORIN Irina, não devias ferir dessa maneira o orgulho de um jovem.
- ARKADINA Mas o que foi que eu lhe disse?

SORIN Ofendeste-o.

ARKADINA Mas se ele mesmo nos tinha avisado de que a peça não era a sério... O que eu disse foi por brincadeira, também.

SORIN Mesmo assim...

ARKADINA O rapaz ainda acaba por ter escrito uma obra-prima! Por favor, não me venham com essa. Mas, então não foi só para se divertir que ele nos apresentou este espectáculo e nos mergulhou a todos num banho de enxofre?! Era uma demonstração! Pretendeu mostrar-nos, muito simplesmente, como se escreve e representa. Está a tomar-se demasiado saturante, ao fim e ao cabo. Estas pequenas arremetidas, estas picadazinhas, dirigidas contra mim, ah, por favor, cansam-me, aborrecem-me. Um rapazinho auto-convencido e caprichoso.

SORIN A intenção dele era ser-te agradável.

ARKADINA Sendo assim, porque não pegou numa peça normal - porque é que nos pôs a todos aqui sentados diante desta divagação decadente? Aliás, se tivesse sido só por brincadeira, ainda me dispunha a ouvir meia dúzia de balelas, mas o que nós estamos a ver aqui pretende ser outra coisa: uma forma nova, uma novíssima era na Arte. O que eu concluo é que não há formas novas em perspectiva; só vejo um péssimo feitio.

TRIGORIN Cada qual escreve como gosta e sabe.

ARKADINA Ele pode escrever como gosta e sabe! E pode, também, deixar-me em paz!

DORN Júpiter! Tu estás zangado...

ARKADINA Não sou Júpiter, sou uma simples mulher. (*Acende um cigarro*) E não estou sequer zangada. Custa-me ver um jovem gastar o tempo de uma forma tão tonta. Não queria magoá-lo.

MEDVEDENKO Não há qualquer justificação para separar o espírito da matéria, porque o espírito pode ser propriamente a

totalidade dos átomos materiais. (*Avidamente, para TRIGORIN*) Mas se o que falta é um tema, aqui tem: uma peça sobre as condições de vida dos professores. E haviam de levá-la à cena! Uma vida difícil a nossa, muito difícil.

ARKADINA Ora aí está, boa ideia. Mas não vamos falar mais de peças nem de átomos! Está uma noite magnífica! Ouvem cantar, senhoras e senhores? (*À escuta*) Que lindo!

POLINA É do lado de lá, na outra margem.

(*Pausa*)

ARKADINA (*Para TRIGORIN*) Sente-se aqui, ao pé de mim. Há dez ou quinze anos, quase todas as noites se ouviam canções e música, neste lago. Nas margens, há seis grandes propriedades. Ah, lembro-me tanto dos risos, do barulho dos tiros, e os amores, ah, os amores... O jeune premier, o ídolo destas seis quintas das redondezas, era aquele homem que além está (*Indica DORN, com a cabeça*), o doutor Yevgeny Sergeevich. Hoje, ainda é encantador, mas antigamente era irresistível. Oh, a minha consciência está a começar a inquietar-me. Porque havia eu de ferir os sentimentos do meu pobre filho? Estou preocupada. (*Alto*) Kostia! Meu filho! Kostia!

MASHA Eu vou buscá-lo.

ARKADINA Obrigada, minha querida.

MASHA (*Afasta-se, pela esquerda*) Eh! Konstantin Gavrilovich! Eh! (*Sai*)

NINA (*Aparece, vinda de detrás do palco*) Parece que não vamos prosseguir, posso vir aqui para fora. Boa noite! (*Beija ARKADINA e POLINA*)

SORIN Bravo! Bravo!

ARKADINA Bravo! Bravo! Ficámos todos, todos, apaixonados por si. Com esse ar que você tem, e essa voz tão bonita, seria

um pecado deixares-te ficar por aqui no campo. Tem muito jeito para representar. Está a ouvir? Vai para o teatro, tem o dever de ir.

NINA Oh, é o meu sonho! (*Suspira*) Mas não será nunca realidade.

ARKADINA E quem sabe? Vá, deixe-me apresentá-la. É o Trigorin, Boris Alexeevich.

NINA Tenho tanto gosto... (*Embaraçada*) Nunca deixo de o ler...

ARKADINA (*Fazendo-a sentar-se junto de ambos*) Não tenha acaanhamento, minha querida. Ele é uma grande celebridade, mas tem uma alma simples. Vê, também é tímido.

DORN Acho que podiam subir o pano, senão isto aqui fica sinistro.

SHAMRAEV Yakov, meu caro, sobes o pano? (*A cortina sobe*)

NINA (*Para TRIGORIN*) É uma peça estranha, não acha?

TRIGORIN Não percebi absolutamente nada. Mesmo assim, gostei muito de ver. Você representou com tanta sinceridade. E o cenário, belíssimo. (*Pausa*) Deve haver imenso peixe, no lago.

NINA Pois há.

TRIGORIN Eu adoro a pesca. Não há nada que me dê maior prazer do que estar sentado ao fim da tarde, à beira da água, a olhar a linha.

NINA Mas eu julgava que para alguém como o senhor, que experimenta o prazer da criação, não existiam outros prazeres.

ARKADINA (*Rindo*) Não fale assim com ele. Quando alguém lhe diz uma gentileza, fica sem jeito.

SHAMRAEV Lembro-me bem, uma vez na Ópera de Moscovo, o famoso Silva atacou um dó bastante baixo. Nem que fosse de propósito, o baixo do coro da nossa igreja estava na geral. E de repente - para grande espanto de todos, pode calcular - ouvimos, vindo da geral, “Bravo Silva”, uma oitava ainda mais abaixo. Assim (*Em tom muito grave*) “Bravo Silva”. O público ficou estarecido.

(*Pausa*)

DORN Passou um anjo.

NINA E é hora de eu ir andando. Boa noite.

ARKADINA Andando para onde? Tão cedo? Não a deixamos ir embora.

NINA O meu pai está à minha espera, em casa.

ARKADINA Ah, ele é terrível... (*Beijam-se*) Bem, não há nada a fazer. Tenho muita pena, muita, de a deixar ir.

NINA Se soubesse o que me custa ir-me embora!

ARKADINA Devia ir alguém levá-la.

NINA (*Assustada*) Oh, não, não!

SORIN (*Suplica*) Fique, por favor, fique connosco.

NINA Não posso, Piotr Nikolaevich.

SORIN Só uma hora, e está tudo dito. Então...

NINA (*Hesita, entre lágrimas*) É impossível! (*Aperta as mãos de SORIN e sai a correr*)

ARKADINA Uma rapariga bem desditosa, na verdade. Dizem que a mãe, que já morreu, deixou uma fortuna imensa, toda até ao mais pequeno copeque, ao marido, e agora a rapariga nada tem de seu, porque o pai resolveu, ainda por cima, fazer o testamento em benefício da segunda mulher. É incrível.

DORN Pois é, concedamos que o papá dessa menina é um verdadeiro patife, para sermos justos.

SORJN *(Esfregando as mãos, de frio)* Vamos andando, meus amigos. Vamos, todos. Não acham? Está a ficar húmido. Sinto as minhas pernas doridas.

ARKADINA As tuas pernas parecem de pau, mal consegues andar. Vá lá, vem comigo, meu velhinho infeliz... *(Pega-lhe no braço)*

SHAMRAEV *(Estendendo a mão para a mulher)* Madame?

SORIN Lá está o cão a uivar outra vez. *(para SHAMRAEV)* Ilya Afanasevich, tenha a bondade de mandar soltar o seu cão.

SHAMRAEV Soltar não é possível, Piotr Nicolaevich. Receio que vão ladrões ao celeiro. Tenho lá a cevada. *(Para MEDVEDENKO, que vai andando a seu lado)* Pois foi, uma oitava perfeita mais abaixo: “Bravo Silva”. E não era um profissional, era um simples membro do coro da igreja.

MEDVEDENKO A propósito, quanto é que ganham, hoje em dia, os membros do coro ? *(Saem todos, excepto DORN)*

DORN *(Para consigo)* Não sei. Talvez eu não perceba nada, talvez tenha perdido completamente o senso, mas gostei, gostei da peça. Tem qualquer coisa, efectivamente. Quando aquela miúda nos estava a falar da solidão, e quando apareceram os dois olhos vermelhos, demoníacos, fiquei tão perturbado, que me tremiam as mãos. Tudo aquilo tinha frescura, inocência. Pois é... parece-me que ele aí vem. Hei-de dizer-lhe as coisas mais bonitas que eu souber dizer da peça.

TREPLEV *(Entra)* Já se foram embora... Não está ninguém.

DORN Estou eu.

TREPLEV A Maschenka anda às voltas pelo parque, a ver se me encontra. É uma criatura insuportável.

DORN Konstantin Gavrilovich, gostei muitíssimo da sua peça. Era um pouco estranha, e não chegámos a ouvir o final, mas, mesmo assim, causou-me profunda impressão. Você tem talento, deve continuar. (*TREPLEV aperta vigorosamente a mão de DORN, depois, impulsivamente, abraça-o*) Ora, ora... tão agitado... E lágrimas nos olhos... O que é que eu lhe queria dizer mais? Você escolheu um tema do domínio das ideias abstractas. E esteve certo em fazê-lo, porque a obra de arte tem sempre a obrigação de exprimir uma ideia verdadeiramente significativa. Só é realmente belo o que é relevante. Mas está tão pálido...

TREPLEV Está a dizer-me que devo prosseguir?

DORN Estou... Mas só se deve pintar o que é importante e eterno. Pois muito bem, eu tenho sido uma pessoa com uma vida muito cheia e variada, bem vivido, e sinto-me satisfeito por isso. Mas se alguma vez experimentasse a elevação dos artistas na actividade da criação, parece-me que acabaria por desprezar este meu invólucro material e tudo o que lhe diz respeito. Levantaria voo da Terra, para subir às alturas, tão longe quanto me fosse possível.

TREPLEV Desculpe. Mas onde está a Nina, por favor?

DORN Ainda outra coisa. Na obra de arte, tem de haver sempre um pensamento claro e bem definido. Tem de saber para que é que se está a escrever. Se enveredar por um caminho cheio de pitoresco mas sem objectivo, perdemos o rumo e somos aniquilados pelo seu próprio talento.

TREPLEV (*Impaciente*) Onde estará a Zarechnaya?

DORN Já foi para casa.

TREPLEV (*Agitado*) E que hei-de eu fazer?... Queria vê-la... Tenho de vê-la. Eu vou...

(*MASHA entra*)

DORN *(Para TREPLEV)* Calma, meu amigo.

TREPLEV De qualquer modo, vou andando. Tenho de vê-la, sem falta.

MASHA Konstantin Gavrilovich, devia ir já para casa. A sua mãe está à espera. Está preocupadíssima.

TREPLEV Diga-lhe que eu me fui embora. Por favor, deixem-me todos em paz. Deixem-me sozinho! E não andem atrás de mim.

DORN Então, então, meu filho... Não esteja nesse estado... Não, não está bem.

TREPLEV *(Através das lágrimas)* Adeus, doutor. Agradeço-lhe muito... *(Sai)*

DORN *(Suspira)* Ah, a juventude, a juventude...

MASHA Quando não sabem o que nos hão-de dizer mais, as pessoas vêm sempre com essa: “Ah, a juventude, a juventude”... *(Aspira uma pitada)*

DORN *(arranca-lhe da mão a caixa de rapé e atira-a para os arbustos)* Isso é degradante! *(Pausa)* Parece-me que oiço música em casa. Vamos para dentro.

MASHA Espere.

DORN O que foi?

MASHA Quero voltar a dizer-lhe o que já lhe disse uma vez. Tenho muita necessidade de falar... *(Agitada)* Não gosto do meu pai... mas a si abro-lhe o coração. Lá muito no fundo do meu coração e da minha alma, sinto que, de certo modo, nós os dois estamos próximos... Por isso, ajude-me. Ajude-me, senão ainda faço uma grande estupidez. Ajude-me, senão ainda estrago a minha vida... Não posso mais...

DORN Mas como? Como hei-de eu ajudá-la?

MASHA Sinto o coração desfeito. Ninguém, ninguém sabe o desespero em que eu estou. (*Encosta a cabeça ao peito de DORN*) Estou apaixonada pelo Konstantin.

DORN Tão nervosos, todos. Tão nervosos. E tanto amor, tanto... Oh, ligo que nos enfeitiças! Que posso eu fazer, minha filha? Fazer o quê? O quê?

FIM DO I ACTO

ACTO II

Um relvado de croquet. Ao fundo, à direita, uma casa com um grande terraço. À esquerda, o lago, em que se reflecte um sol cintilante. Canteiros de flores. Meio-dia. Está calor. ARKADINA, DORN e MASHA, sentados num banco, à sombra da velha tília, à beira do relvado. DORN tem um livro aberto no colo.

ARKADINA *(Para MASHA)* Vá, pomo-nos de pé. *(Levantam-se)* Assim, uma ao lado da outra. Yevgeny Sergeevich, das duas qual lhe parece a mais jovem?

DORN Você, evidentemente.

ARKADINA Estás a ver, minha menina... E porquê? Porque eu trabalho, experimento sensações, estou sempre em movimento, e você, sempre aqui parada, sempre no mesmo sítio, nem sequer vive, afinal. E sigo sempre uma regra: não me preocupar com o futuro. Não me lembro nunca da morte, nem da velhice. O que há-de ser, há-de ser. É inevitável.

MASHA Eu sinto-me como se tivesse nascido há muito, muito tempo. Arrasto a minha vida atrás de mim, como a cauda de um vestido... Por vezes, em certos momentos, nem sequer sinto vontade de continuar a viver. *(Senta-se)* Já sei, estou a dizer tolices. Tenho de me dar um bom puxão a mim mesma, uma sacudidela... que me liberte...

DORN *(Canta, em voz baixa)* “Flores, minhas flores, ide dizer-lhe...”

ARKADINA E tenho o aprumo de um inglês. Minha querida, mantenho-me sempre em forma, como costuma dizer-se. Visto-me e penteio-me *comme il faut*. Pensas que eu seria capaz de sair aquela porta, nem que fosse só para vir ao jardim, de roupão e com o cabelo em desalinho? Jamais! Por isso é que me conservo assim como estou. Não me deixei engordar nem fiquei uma mastronça,

como acontece a muitas... *(Caminha para a frente e para trás, sobre a relva, de mãos colocadas na cinta)* Assim! Fresca como uma flor. Eu até podia ainda fazer o papel de uma miúda de 15 anos.

DORN Muito bem, minha querida. Mas vou prosseguir. *(Pega no livro)* Tínhamos ficado no vendedor de trigo e os ratos.

ARKADINA E os ratos... Continue. *(Senta-se)* Mas, dê cá o livro, leio eu, agora. É a minha vez. *(Pega no livro, à procura da passagem referida)* E os ratos... É aqui. *(Lê)* “É mais do que evidente que uma pessoa de sociedade, ao atrair para a sua própria casa, com lisonjas, um homem de letras, um romancista, se expõe a tanto perigo quanto um mercador de trigo que faça criação de ratos no seu celeiro. E uma mulher, quando escolhe um romancista que deseja conquistar, sufoca-o com cumprimentos, adulação, favores...” Bem, deve ser uso das francesas, aqui não, não há disso. Nós não estabelecemos um plano de acção. As mulheres, aqui - mesmo quando decidem cativar um escritor - estão, em geral, apaixonadíssimas. Para não ir mais longe, se pensarmos em mim e no Trigorin...

(Entra SORIN, apoiado na bengala, a par de NINA. Atrás deles, MEDVEDENKO empurra uma cadeira de rodas.)

SORIN *(Com uma entoação doce, como se estivesse a falar com uma criança)* Então? Contente? Estamos a divertir-nos hoje?! E está tudo dito. *(Para a irmã)* Não havíamos de estar contentes! O papá e a nossa madrastra foram para Tver, e temos três dias de liberdade!

NINA *(Senta-se junto de ARKADINA e abraça-a)* Estou tão contente! Agora sou toda vossa!

SORIN *(Senta-se na cadeira de rodas)* Ela hoje está linda, tão linda.

ARKADINA Tão bem vestida, tão atraente... Mostra inteligência ao vestir-se da maneira que se veste. *(Beija NINA)* Mas

temos de ter cuidado! Tantos louvores ainda a estragam.
Onde é que está o Boris Alexeevich?

NINA Está lá em baixo, a pescar.

ARKADINA Nunca se cansa de pescar, não entendo. (*Prepara-se para prosseguir a leitura*)

NINA Que livro é esse?

ARKADINA Na *Água*, do Maupassant, minha querida. (*Lê umas linhas, para consigo*) Bem, o que vem a seguir não tem interesse, nem sequer é verdadeiro. (*Fecha o livro*) Estou preocupadíssima, verdadeiramente aflita, no meu íntimo. Sabe dizer-me o que é que se passa com o meu filho? Porque é que ele anda tão abatido, tão triste? Deixa-se ficar dias e dias inteiros, à beira do lago, e mal o vejo.

MASHA Dói-lhe a alma. (*Para NINA, com timidez*). Não faz o favor de nos recitar uma passagem da peça dele?

NINA (*Depois de encolher os ombros*) Quer que eu recite? Mas é tão pouco interessante, a peça.

MASHA (*Contendo a admiração*) Quando é ele próprio a recitar, os seus olhos brilham, e empalidece. Uma voz linda, melancólica. Parece mesmo um poeta.

(*Ouve-se rressonar SORIN*)

DORN Boa noite!

ARKADINA Petrusha!

SORIN Hã?

ARKADINA Estás a dormir?

SORIN Que ideia! (*Pausa*)

ARKADINA Estás sem medicação nenhuma, e não acho bem, meu querido.

SORIN Mediquem-me à vontade, mas parece que aqui o doutor não quer.

DORN Tratar-se agora aos sessenta anos!

SORIN Mesmo aos sessenta anos tem-se vontade de continuar a viver!

DORN *(Condescendendo)* Ora, muito bem, tome umas gotas de valeriana.

ARKADINA Devia ir para umas termas ou coisa assim. Acho que seria bom.

DORN Ora, hum... Podia ir... Mas também podia não ir.

ARKADINA Em que é que ficamos? Não percebo.

DORN Não há nada a perceber. É muito claro. *(Pausa)*

MEDVEDENKO O Piotr Nikolaevich devia parar de fumar, parece-me.

SORIN Que disparate.

DORN *(Conclusivo)* Pois não é, não. O vinho e o tabaco apoderam-se da personalidade de um indivíduo. Com um cigarro e um copo de *vodka*, deixa de ser o Piotr Nikolaevich e passa a ser o Piotr Nikolaevich mais outra pessoa. A sua personalidade, o seu *eu* esboroam-se, e começa até a ver-se como uma terceira pessoa - um *ele*.

SORIN *(Ri)* Para si é fácil dizer o que diz. Gozou devidamente a sua vida, mas eu?... Eu estive vinte e oito anos ao serviço da Justiça, e não vivi verdadeiramente a vida. Experiências, não tive nenhuma, para dizer tudo. Percebe-se então porque é que eu quero continuar a viver, não acha? Você bebeu o trago da vida; o seu trago, pode ser indiferente. Por isso mesmo é que você tem queda para a filosofia. Mas eu, eu quero viver mais, e é por isso mesmo que não desisto de beber um xerez ao jantar e de fumar os meus charutos. E pronto, está tudo dito.

DORN É preciso encarar a vida a sério. Querer tratar-se aos sessenta anos e ter pena de si próprio por não se ter gozado a juventude, é pura e simples levandade, desculpe que lho diga.

MASHA *(Levanta-se)* Já são horas de almoçar, espero. *(Caminha arrastadamente)* Tenho uma perna dormente... *(Sai)*

DORN Ela ainda vai esvaziar dois de copos, antes do almoço.

SORIN Não encontrou a felicidade, coitada.

DORN Disparate, excelência.

SORIN Você está sempre a raciocinar como alguém que teve tudo na vida.

ARKADINA O quê! Nada mais fastidioso do que este querido tédio campestre. O calor, o sossego, e ninguém faz nada, sentamo-nos todos a filosofar... Para mim, é bom estar aqui convosco, meus amigos, até gosto de ouvi-los falar... ah, mas no hotel, fechada no quarto a estudar o papel - ainda seria muito melhor, muito, muito melhor!

NINA *(Extasiada)* Ah, pois seria... Entendo-a perfeitamente.

SORIN Claro que é muito melhor a cidade. Estarmos no nosso gabinete, só entra quem for anunciado... Com um telefone, carruagens a passar na rua, e pronto, está tudo dito.

DORN *(Canta)* “Flores, minhas flores, ide dizer-lhe...”

(Entra SHAMRAEV, seguido de POLINA Andrevna)

SHAMRAEV Ora aqui estão todos! Muito boa tarde! *(Beija a mão de ARKADINA e depois a de NINA)* Muito estimo vê-los assim a todos de tão boa saúde. *(Para ARKADINA)* A minha mulher disse-me que a senhora pensa ir hoje à cidade, com ela. É certo?

ARKADINA Pois, pensamos ir.

SHAMRAEV Hum... Uma ideia esplêndida, mas como irá fazer a viagem, minha estimadíssima senhora? Andamos a carregar o centeio, hoje, e o pessoal está todo ocupado. Além disso, se me permite a pergunta, que cavalos vai levar?

ARKADINA Que cavalos? Por que havia eu de saber quais os cavalos!?

SORIN Cavalos de equipagem. Nós temos!

SHAMRAEV Cavalos de equipagem! Mas, e os arreios, onde é que eu lhes vou arranjar arreios? Onde, pergunto eu? Estou espantadíssimo, não entendo sequer, minha querida e estimada senhora! Peço-lhe desculpa, tenho imenso respeito pelo seu talento, por si dava dez anos da minha vida, mas cavalos não dou, não posso!

ARKADINA Mas eu tenho mesmo de ir, como há-de ser? Coisa estranha!

SHAMRAEV Minha estimadíssima senhora, não faz a menor ideia do que é o governo de uma quinta!

ARKADINA *(Irritada)* Ah, isso é uma velha história! Bem, nesse caso, vou-me já hoje embora daqui, para Moscovo. Mande alguém à aldeia alugar cavalos, ou vou mesmo a pé para a estação.

SHAMRAEV *(Irritado)* E eu, nesse caso, despeço-me! Trate de arranjar outro feitor. *(Sai)*

ARKADINA Não há nenhum Verão em que não aconteça isto. Há sempre alguém que me ofende, sempre, no Verão. Nunca mais volto cá.

(ARKADINA sai, pela esquerda, do lado onde se presumem estar os balneários. Pouco depois, atravessa, em direcção à casa, seguida por TRIGORIN, que traz as canas de pesca e um balde)

SORIN *(Irritado)* O atrevimento do sujeito! Raios!, estou farto disto! E tudo dito! Quero os meus cavalos todos, aqui, já!

NINA *(Para POLINA)* Desconsiderar assim a Irina Nikolaevna, a grande actriz! Não é verdade que qualquer desejo dela, nem que seja um capricho, é muito mais importante do que esta quinta toda? É simplesmente inacreditável!

POLINA *(Aflita)* E eu, o que é que posso fazer? Ponha-se no meu lugar. O que é que eu posso fazer?

SORIN *(Para NINA)* Vamos para casa, falar com a minha irmã. Vamos todos, pedir-lhe que não se vá embora... Devemos ir, não acham? *(Olha na direcção por onde se afastou SHAMRAEV)* Não suporto aquele homem! É um tirano!

NINA *(Impedindo-o de se levantar)* Sente-se, vá, sente-se. Deixe-se levar por nós. *(MEDVEDENKO e NINA empurram a cadeira)* Ah, é horrível...

SORIN Horrível, sim... Mas ele não há-de ir-se embora, vou já falar-lhe.

(Saem. Ficam DORN e POLINA)

DORN As pessoas sempre nos saem todas umas maçadoras... O facto é que o teu marido bem precisava de ser posto na rua, mas já se sabe como tudo acaba... O velho Piotr Nikolaevich e a irmã vão implorar o perdão do seu marido... Vai ver!

POLINA É que ele hoje pôs os cavalos de equipagem no serviço do campo, sabe? E todos os dias aparecem problemas destes... Se soubesse como tudo isto me transtorna e aflige! Fico doente. Estou toda a tremer, vê? Não aguento mais os modos dele, não aguento. *(Implorando)* Yevgeny, meu querido, meu adorador Yevgeny, leve-me para sua casa. Estamos a ver o nosso tempo a passar... já não somos novos. Se ao menos no fim dos nossos dias pudéssemos parar de nos esconder, de mentir... *(Pausa)*

DORN Com os meus cinquenta e cinco, já é tarde demais para mudar de vida.

POLINA Já sabia. Está a dizer-me que não, porque tem intimidade com outras mulheres, além de mim. Claro que não pode levar todas para casa, pois não?! Desculpe que lhe diga, mas está cansado, farto de mim.

(NINA aparece, junto à casa. Anda a apanhar flores)

DORN Não, estou bem.

POLINA O ciúme atormenta-me. Claro, você é médico, não pode fugir das mulheres. Compreendo.

DORN *(Para NINA, que se aproxima)* Em que ficaram as coisas?

NINA A Irina Nikolaevna chora, e o Piotr Nikolaevich está com um acesso de asma.

DORN O melhor é eu ir até lá, dar valeriana aos dois.

NINA *(Estende-lhe as flores)* Tome, são para si.

DORN Merci bien! *(Dirige-se para casa)*

POLINA *(Acompanha-o)* Que flores tão encantadoras! *(Já próximo de casa, com uma voz baça, diz:)* Dê-me essas flores! Dê-me essas flores! *(Recebe o pequeno ramo, e, depois de o desfazer, atira-o para o chão. Entram em casa)*

NINA *(Só)* Tão estranho, ver uma atriz famosa a chorar, e por motivo tão insignificante! E também é tão estranho, um escritor conhecidíssimo, adorado pelo público, com o nome sempre nos jornais, fotografias à venda por todos os lados, traduzido em várias línguas, e a fazer o quê? Bem, a pescar, o dia inteiro. E fica feliz com uma ou duas carpas pequenas! Eu julgava que as pessoas célebres eram altivas e inacessíveis. Julgava que sentiam desprezo pelo vulgo, e que a fama e o brilho do seu nome lhes bastava para desforra de todos os que põem a

nobreza do nascimento e a riqueza acima de tudo. Mas estes, aqui, choram, pescam, jogam às cartas, riem, irritam-se - como qualquer outra pessoa...

TREPLEV *(Entra, sem chapéu, com uma espingarda. Traz na mão uma gaivota morta)* Estás aqui sozinha?

NINA Sozinha. *(TREPLEV poisa a gaivota no chão, aos pés de NINA)* Que quer isto dizer?

TREPLEV Hoje cometi um acto desprezível. Matei esta gaivota. E agora deponho-a a teus pés.

NINA O que é que você tem? *(Pega na gaivota e observa-a)*.

TREPLEV *(Após uma pausa)* Não vai tardar muito que eu me mate também.

NINA Não estou a reconhecê-lo.

TREPLEV Foi desde que eu a deixei de a reconhecer a si. Mudou, em relação a mim. Tem um olhar frio... a minha presença constrange-a.

NINA E você, de há algum tempo para cá, tornou-se irritável. Nem é fácil apanhar o sentido do que diz - parece que fala por símbolos. Quer-me parecer que esta gaivota também é um símbolo, mas não o entendo, desculpe-me. *(Põe a gaivota em cima do banco)* Sou demasiado simples para poder entendê-lo.

TREPLEV Tudo começou naquela noite, com o falhanço da minha peça. Um falhanço estúpido! E as mulheres não perdoam nunca o insucesso. Já queimei a peça, não ficou nem uma folha. Se soubesse como eu me sinto infeliz. Essa sua frieza é horrível. É inacreditável. Sinto-me como se tivesse acordado de repente, e visse o lago todo seco, bebido pela terra. Disse que era simples demais para me entender. Mas entender o quê? A minha peça desagradou a todos. E você já não dá valor à minha inspiração, considera-me medíocre, uma nulidade, igual como a tantos outros... *(Bate com um dos pés)* Ah, como eu estou a compreender tudo, a compreender

muitíssimo bem! É como se me tivessem espetado um prego na cabeça. Maldito! Maldito prego e maldito orgulho que me está a envenenar o sangue como uma víbora... (*Vê TRIGORIN a aproximar-se, lendo o seu bloco de apontamentos*) Eis que vem aí um verdadeiro génio, tem as passadas de Hamlet, e, como ele, avança de livro na mão. (*Zomba*) “Words, words, words...” Ainda este sol vem longe e já o seu sorriso despona. A frieza do seu olhar aquece sob os seus raios. Não quero ser importuno. (*Sai, rápido*)

TRIGORIN (*Escrevendo*) Toma rapé e bebe vodka... Sempre de preto. O mestre escola está apaixonado por ela.

NINA Boa tarde, Boris Alexeevich!

TRIGORIN Boa tarde. As circunstâncias, por vezes, produzem resultados inesperados, não acha? Pois parece-me que nos vamos embora daqui, hoje mesmo. E não creio que nos voltemos a encontrar, você e eu. Tenho pena. Para mim é raro este encontro com uma rapariga tão jovem - bonita e jovem. Não sei já o que é ter dezoito ou dezanove anos. Deve ser essa a razão por que as raparigas soam sempre a falso, nos meus romances e nos meus contos. Gostava de poder estar no seu lugar nem que fosse só por uma hora – saber bem o que você pensa, como é esta criaturinha.

NINA E eu gostava de estar no seu lugar, nem que fosse um bocadinho.

TRIGORIN Porquê?

NINA Para saber o que é que se sente quando se é um escritor célebre e cheio de talento. Que sensação é que dá ser célebre? Como é que uma pessoa reage a ser conhecida?

TRIGORIN Ora, provavelmente de maneira nenhuma. Nunca tinha pensado nisso. (*Pensa um pouco*) Das duas uma: ou você exagera quanto à dimensão da minha fama, ou então a fama é algo que não se sente.

NINA E, quando lê coisas a seu respeito nos jornais?

TRIGORIN Se são elogios, ótimo! Se sou atacado, fico de mau humor durante dois dias.

NINA É um mundo maravilhoso! Não faz ideia como eu o invejo. Mas as pessoas têm todas destinos tão diferentes. Alguns mal conseguem arrastar-se, ao longo de uma vida feita só de tédio e monotonia, todos parecidos uns com os outros e todos infelizes. Aos outros, aos raros, como você, por exemplo, que é um entre milhares - o destino oferece-lhes uma vida excitante, fulgurante, cheia de significado... É feliz...

TRIGORIN Ah, sou? (*Encolhe os ombros*) Hum... Você está, para aí, a falar de fama, de felicidade, de uma vida excitante, cheia de fulgor, mas tudo isso, essas palavras bonitas, para mim - desculpe-me que lho diga - é um doce que eu não como. Você é muito nova, e muito gentil.

NINA Tem uma vida lindíssima!

TRIGORIN Mas que terei eu especialmente bom na minha vida? (*Vê as horas*) Tenho de ir andando, ainda vou escrever qualquer coisa. Desculpe-me, não tenho mais tempo... (*Ri*) Você acertou no meu ponto fraco, como é costume dizer-se, e já começa a enervar-me e até a aborrecer-me... Muito bem, vamos então conversar, os dois. Vamos conversar a respeito desta minha vida, que é tão excitante, tão cheia de fulgor... Ora muito bem, minha menina, por onde começamos? (*Pausa, a pensar*) Há na nossa mente algumas ideias obsessivas, que a dominam: por exemplo, uma pessoa pode pôr-se a pensar na Lua, dia e noite. Ora bem, eu tenho a minha própria lua. Passo o dia e a noite obcecado por uma só e única ideia: escrever, escrever, escrever. Mal acabo uma história e já tenho de escrever outra, sei lá por quê, e depois escrevo outra, e mais outra... Ponho-me a escrever, a escrever sem parar, como um cavalo de diligência, não sei fazer doutra maneira. Diga-me se é assim tão excitante tudo isto, tão maravilhoso... Ah, é uma maneira de viver absurda. Estou aqui consigo, emocionado e a pensar a todo o momento numa história, na minha história inacabada que me espera. Estou agora a ver, uma

nuvem, que parece um piano enorme. E penso logo que não posso esquecer-me de a incluir numa história - uma nuvem que passou, flutuante, e que parecia um piano. Cheira a heliotrópio. E, num ápice, anoto no meu pensamento: perfume doce, do tom da viuvez, lembrar e usar numa descrição de noite estival. Apanha cada frase, cada palavra minha e cada palavra sua, e, no momento seguinte, tudo isso já está guardado no meu cacifo literário, frases, palavras - ainda me podem vir a servir, em qualquer momento! Quando chego ao fim do meu trabalho, ou me meto num teatro ou vou para a pesca. Ao menos, nessa altura, eu deveria poder esquecer e repousar um pouco - mas não! oh maravilha! - uma autêntica bala de canhão começa às voltas no meu cérebro, a sacudi-lo. É um novo tema para uma história, que me empurra para a minha secretária, e aí tenho eu, uma vez mais, de escrever, escrever. É e será sempre assim, não encontro a paz em mim próprio, sinto que estou a consumir a minha vida. Por umas gotas de mel, que eu destilo para outros, roubo o pólen das minhas mais belas flores, arranco-as e espezinho as raízes. Não lhe parece que estou louco? Julga que os meus conhecidos e amigos íntimos me tratam como a uma pessoa normal? “O que é que tu andas a escrever?”, perguntam-me. “O que é que nos vais oferecer proximamente?” Sempre assim, sempre, mas quer parecer-me que toda essa atenção, da parte dos meus conhecidos, o constante elogio, um permanente encantamento, são uma manobra enganadora. Estão a iludir-me, como é costume fazer-se aos doentes. E até receio, por vezes, que estejam ali, atrás das minhas costas, prontos para saltarem e me meterem no manicómio. Na minha mocidade - e foram esses os meus melhores anos - , quando principiei, escrever era um sofrimento sem fim. Um pequeno escritor, quanto mais reveses tem, mais se considera inábil, incomodativo, supérfluo. Tem os nervos sempre em franja, mas não desiste de gravitar à volta da gente da literatura e das artes - ignorado e menosprezado por todos, sempre receoso de olhar de frente para alguém, como um jogador inveterado que não tem um tostão. Não vi nunca nenhum dos meus leitores, mas por qualquer razão sempre imaginei que os meus leitores eram uns cépticos,

nada amigáveis. A audiência, num teatro, aterroriza-me - e sempre que qualquer peça minha era levada à cena, eu imaginava que as pessoas de cabelo escuro me eram hostis, enquanto que as de cabelo claro me eram friamente indiferentes. Era horrível! Que sofrimento tão grande!

NINA Mas não sente nunca êxtase e felicidade, tanto nos momentos de inspiração como durante o próprio trabalho de criação? Com certeza que sente.

TRIGORIN Sim, sinto prazer quando escrevo. E quando estou a ver as provas, também... mas quando a obra sai do prelo, detesto aquilo tudo. Vejo que é errado, nem devia ter sido escrito. Nessas alturas, sinto-me irritável, com a alma doente... (Ri) E o público lê, e depois diz: “Sim, é uma coisa bonita, talentosa... mas ainda a grande distância de Tolstoi.” Ou então: “É uma obra excelente, mas inferior aos *Pais e Filhos* do Turgueniev.” E será sempre assim, até à hora da minha morte, bonito e talentoso, bonito e talentoso – só isso. E depois de eu morrer, essas pessoas ainda vão passar pela minha sepultura e dizer: “Aqui jaz Trigorin, um bom escritor, mas inferior a Turgueniev.”

NINA Desculpe-me, mas não posso admitir que fale assim. O senhor está simplesmente estragado pelo sucesso.

TRIGORIN Qual sucesso? Nunca gostei de mim próprio. Detesto-me como escritor. Pior, sinto-me tão envolvido que muitas vezes nem entendo o que escrevo... Gosto de toda esta água, estas árvores, este céu. Tenho uma sensibilidade especial para a Natureza. Põe-me num estado apaixonado - uma urgência avassaladora de escrever. Mas não sou evidentemente um simples pintor de paisagens. Não esqueço que sou um cidadão, também e ainda. Amo o meu país e o seu povo. Sinto que se for realmente um escritor, então devo falar do povo e de todas as suas dores, do seu futuro, falar da Ciência, dos direitos do homem, e por aí fora... E falo disso tudo, com urgência, pressionam-me, de todos os lados, criticam-me, e eu numa roda viva, como uma raposa acossada pelos cães. Vejo perfeitamente que tanto a vida

como a Ciência não param nunca, avançam sempre, sempre para a frente. E eu acabo por ficar para trás, sempre atrasado, como um camponês que perdeu o comboio. Em suma, só tenho jeito bastante para paisagista, e que o resto é falso - falso até à medula.

NINA

Tem estado a trabalhar demasiado, tempo demais, e não dispõe de ocasião nem de vontade para se aperceber da sua própria importância. Vá, continue a andar insatisfeito consigo próprio, mas olhe que os outros o consideram grande, e belo! Se eu fosse um escritor, como você, dedicava ao povo a minha vida. Mas, ao mesmo tempo, teria perfeita consciência de que a felicidade desse povo é ascender às alturas em que eu estou - e haviam de me conduzir em triunfo, numa quadriga.

TRIGORIN

Sou algum Agamémnon? (*Sorriem ambos*)

NINA

Para alcançar essa enorme felicidade, de ser escritora ou atriz, era capaz de suportar a maior miséria, desilusões, o ódio dos que me rodeiam. Viver num vão de escada, comer apenas pão de farelo. Suportaria a minha permanente auto-insatisfação com a consciência de não ser perfeita, se alcançasse a fama, a minha autêntica e estrondosa fama... (*Cobre o rosto com as mãos*) A minha cabeça anda à roda, à roda... Ui!...

ARKADINA

(*De dentro de casa*) Boris Alexeevich!

TRIGORIN

Estão a chamar-me... Deve ser para arrumar a mala. Mas não me apetece ir-me embora daqui. (*Olha em redor, para o lago*) Veja, um verdadeiro paraíso... Uma maravilha!

NINA

Está a ver aquela casa, ali, e o pomar, daquele lado?

TRIGORIN

Estou.

NINA

Era a quinta da minha mãe. Nasci lá. Tenho vivido a minha vida à beira deste lago, conheço bem todas as ilhazinhas.

TRIGORIN Tudo isto é lindo. (*Vendo a gaivota*) Mas o que é aquilo

NINA É uma gaivota. Foi o Konstantin Gavrilych que a matou.

TRIGORIN Uma ave magnífica. A verdade é que não me apetece nada ir-me embora. Veja lá se convence a Irina Nikolaevna a ficar mais uns dias. (*Toma notas*)

NINA O que é que está a escrever?

TRIGORIN São só uns apontamentos... Ocorreu-me agora mesmo um tema... (*Mete o bloco de notas na algibeira*) Dá para um conto. Uma rapariga que passou a vida à beira de um lago. Assim, como você. Essa rapariga ama o lago, como uma gaivota, e é feliz e livre como uma gaivota. Um homem passa, olha para ela, e como não tem mais nada que fazer, destrói-a - como aquela gaivota ali. (*Pausa*)

ARKADINA (*Surgindo à janela da casa*) Boris Alexeevich, onde estás?

TRIGORIN Já vou. (*Vai, voltando-se repetidamente para olhar para NINA. Próximo da janela, para ARKADINA*) O que é?

ARKADINA Ficamos. (*TRIGORIN entra em casa*)

NINA. (*Desce à ribalta. Absorta, durante uns momentos, e depois diz:*) Um sonho!

FIM DO II ACTO

ACTO III

(Sala de jantar em casa de SORIN. À esquerda e à direita, há portas. Aparador. Outro armário, com muitos remédios. Mesa, no meio da sala. Uma mala e caixas de chapéus. Preparativos de viagem, bem visíveis. TRIGORIN está a almoçar. MASHA, de pé, junto da mesa)

MASHA Se lhe falo nisto, é precisamente por o senhor ser escritor. Se quiser, pode utilizar tudo. Se ele estivesse gravemente ferido, eu não seria capaz de continuar a viver nem mais um minuto. Ah, mas ainda conserva algum ânimo, e resolvi arrancar este amor do meu coração, de uma vez para sempre, arrancar-lhe as raízes.

TRIGORIN Como?

MASHA Casando-me. Vou casar-me com Medvedenko.

TRIGORIN O mestre escola?

MASHA Sim.

TRIGORIN Para mim não é muito clara a razão que a compeliu a isso.

MASHA Amar sem esperança, ano após ano à espera... Se eu me casar, deixo de ter tempo para o amor. Responsabilidades novas hão-de apagar os antigos afectos. De qualquer modo vai ser uma mudança. Acompanha-me? *(Enche os copos)*

TRIGORIN Não é demais para si?

MASHA E então? Não olhe para mim dessa maneira. As mulheres bebem mais do que o senhor julga. Mas, poucas bebem às claras, como eu; a maior parte delas bebe em segredo. Bebem, bebem! Ou *vodka*, ou *conhaque* sempre. *(Faz uma saudação batendo no copo de TRIGORIN)* Á sua! O senhor é uma pessoa acessível. Pena despedirmo-nos. *(Bebem)*

TRIGORIN Também não me apetece ir-me embora.

MASHA Então vá lá falar com ela, peça-lhe para ficarem mais tempo.

TRIGORIN Não há maneira de a convencermos a ficar, agora. O filho tem tido um comportamento perfeitamente descabido, sem tacto nenhum. Primeiro, prega com uma bala em si próprio, e agora dizem por aí que pretende desafiar-me para um duelo. Para quê? Resmunga pelos cantos, franze o nariz, lavra manifestos sobre as formas novas... Mas há espaço suficiente para todos, velhos e novos - para quê, querer abrir caminho à força, ao empurrão?

MASHA Não é só isso, é ciúme, também. Oh, mas não é nada que me diga respeito. *(Pausa. YAKOV atravessa da esquerda para a direita, com uma mala na mão. NINA entra e fica encostada à janela)* O meu mestre-escola não é brilhante, mas é um homem de bom coração, pobre, e gosta muito de mim. Tenho pena dele. E tenho pena da mãe dele, que já é muito velha. Bem, o que eu lhe desejo a si, é que tudo lhe corra pelo melhor. E desculpe alguma coisa. *(TRIGORIN aperta-lhe a mão com força)* Agradeço imenso a sua gentileza em me estar a ouvir. Mande-me os seus livros, com um autógrafo, não se esqueça. Não ponha “À minha querida senhora”. Ponha só: “À Marya, que não quer saber de onde veio, e que não sabe por que razão vive e está nesta terra.” Adeus! *(Sai)*

NINA *(Estendendo uma mão, de punho fechado)* Par ou ímpar?

TRIGORIN Par.

NINA *(Suspirando)* Então, é não. Só tenho uma ervilha nesta mão. Estava a ver se sabia que sorte vai ser a minha. Ir para o palco, ou não? Se houvesse alguém que me aconselhasse...

TRIGORIN Não é caso em que se possam dar conselhos.

(Pausa)

NINA Agora, vamos separar-nos, e talvez... nem nos vejamos nunca mais. Peço-lhe que fique com este medalhão, para se lembrar de mim. Mandeï gravar aqui as suas iniciais... e, deste lado, está o título do seu livro, *Os Dias e as Noites*.

TRIGORIN Que ideia tão bonita! *(Beija o medalhão)* Uma prenda encantadora!

NINA Pense em mim, uma vez por outra.

TRIGORIN Hei-de pensar. Recordarei sempre como a vi, naquele dia, com um sol magnífico; lembra-se? - na semana passada, e você tinha um vestido claro... Estivemos os dois juntos a conversar - havia uma gaivota branca morta, no banco.

NINA *(Muito pensativa)* Pois era, uma gaivota... *(Pausa)* Mas não podemos estar agora aqui a falar mais tempo. Vem aí gente. Antes de partir, dê-me mais um ou dois minutos, peço-lhe...

(Sai, pela esquerda. Simultaneamente, ARKADINA entra, pela direita, com SORIN, vestido com uma sobrecasaca e trazendo ao peito uma condecoração. Segue-os YAKOV, muito azafamado com as bagagens)

ARKADINA Então, deixa-te ficar em casa, meu velho. Com o reumatismo que tu tens, achas que aguentas, de um lado para o outro, em constantes deslocações? *(Para TRIGORIN)* Quem é que saiu daqui, agora mesmo? A Nina?

TRIGORIN Foi.

ARKADINA Desculpa, viemos incomodá-los... *(Senta-se)* Parece-me que já meti tudo nas malas. Estou estafada.

TRIGORIN *(Lendo a inscrição no medalhão)* *Os Dias e as Noites*, página 121, linhas 11 e 12.

YAKOV *(Tirando as coisas de cima da mesa)* Quer que prepare também as canas de pesca para levar?

TRIGORIN Pode ser, fazem-me falta. Mas os livros, dá-os a quem quiseses.

YAKOV Muito bem, senhor.

TRIGORIN *(Consigo)* Página 121, linhas 11 e 12. Não faço a menor ideia do que possa estar nessas linhas. *(Para ARKADINA)* Tens cá os meus livros?

ARKADINA No escritório do meu irmão, na estante do canto.

TRIGORIN Página 121... *(Sai)*

ARKADINA Realmente, Petrusha, mais valia ficares.

SORIN Vocês vão-se embora... e a mim custa-me ficar aqui, nesta casa, sem vocês.

ARKADINA E na vila, o que é que há de especial?

SORIN Nada, não há nada, mas mesmo assim... *(Ri)* Há-de haver várias coisas, a primeira pedra do novo edifício da câmara, e por aí fora... Nem que seja só por uma ou duas horas, é bom ver-me livre desta vida, da segurança inútil deste buraco enfadonho. Tenho estado tanto tempo parado que estou emperrado como uma cigarreira velha. Mandeï preparar os cavalos para a uma, podemos partir ao mesmo tempo.

ARKADINA *(Depois de uma pausa)* Bem, tu ficas, vá lá! Não te deixes ir abaixo, não te vás constipar. Deita um olho ao que o meu filho anda afazer por aí. Toma conta dele. Vê se o pões no bom caminho. *(Pausa)* Eu vou-me embora, e nunca hei-de saber por que foi que o Konstantin disparou aquele tiro. Parece-me que o principal motivo foi o ciúme, por isso o melhor é levar daqui para fora o Trigorin, o mais depressa possível.

SORIN Como é que te hei-de dizer? Há outros motivos, além desse. Vê-se bem. O teu filho é jovem, inteligente, e está

aqui metido no campo, nas brenhas para falar propriamente, sem dinheiro, sem posição social, sem futuro. E sem absolutamente nada que fazer. Andar sem fazer nada, por aí, fá-lo sentir-se envergonhado, intimidado. Eu gosto muito dele, e ele está muito ligado a mim, mas isso não impede que ele, aqui nesta casa, se sinta a mais, para dizer tudo, um parasita. Não há dúvida, o orgulho dele...

ARKADINA Dá-me imensos desgostos... (*Pensativamente*) Parece-me que o melhor seria ele entrar para o funcionalismo público, ou coisa parecida...

SORIN (*Assobia. Depois, hesitante*) A mim, o que me parecia melhor era tu dares-lhe... uma mesada. E, para começar, seria bom ele vestir-se como qualquer outro membro da humana espécie, para dizer tudo. Ora, repara bem que ele anda com o mesmo casaco já há três anos - e sai sempre para a rua sem sobrecasaca... (*Ri*) Mais, não lhe havia de fazer mal, espezinhar um pouco, ir divertir-se... Fazer uma viagem ao estrangeiro, ou coisa parecida. Não seria muito dinheiro.

ARKADINA Mesmo assim... Para o fato, ainda talvez arranjasse dinheiro, mas para a viagem... Não, nem para o fato, numa altura destas! (*Decisiva*) Não tenho dinheiro. (*SORIN ri-se*) Nenhum!

SORIN (*Assobia*) Muito bem, *madame*! Desculpa-me, minha querida, não te aborreças comigo. Acredito, acredito... Tu és uma mulher magnânima e de coração nobre.

ARKADINA (*Lacrimosa*) Não tenho dinheiro!

SORIN Se eu tivesse dinheiro, evidentemente que lho dava, mas não tenho absolutamente nenhum, nem um copeque. (*Ri*) O meu feitor leva-me a minha pensão e gasta-a toda, na manutenção da quinta. Faz a lavoura, cria o gado, mantém os cortiços, e o meu dinheiro some-se em vão, nisto tudo. As abelhas acabam por morrer, o gado também vai morrendo, e cavalos não há, quando eu preciso...

ARKADINA Pois, eu tenho dinheiro, mas sabes muito bem que sou actriz. Só as roupas que tenho que comprar levam-me o dinheiro todo.

SORIN Tu és muito bondosa, minha querida... Tenho imenso respeito por ti... Sim... Mas, não estou bem disposto, neste momento. *(Tropeça, cambaleia)* A cabeça à roda, à roda. *(Apoia-se na mesa)* Tonturas, sei lá.

ARKADINA *(Assustada)* Petrusha! *(Tentando ampará-lo)* Petrusha, meu querido. *(Grita)* Acudam! Acudam! *(Entram TREPLEV, com a cabeça ligada, e MEDVEDENKO)* Ele está mal.

SORIN Não é nada, não é nada... *(Sorri, bebe água)* Já passou, e está tudo dito...

TREPLEV *(Para a mãe)* Não te aflijas, mamã, não é grave. Tem-lhe acontecido muitas vezes. *(Para o tio)* Tio, vai-te deitar durante um bocado.

SORIN Sim, deitar-me, um bocadinho... Mas, vou na mesma à vila... Vou deitar-me um bocadinho, e depois estou pronto para partir... evidentemente... *(Sai, apoiado na bengala)*

MEDVEDENKO *(Ampara-o com o braço)* Uma adivinha: de manhã cedo tem quatro pernas, à tarde tem duas, e, à noite, três...

SORIN *(Ri)* Pois, e ao fim da noite, está deitado de costas. Obrigado, vou bem sozinho...

MEDVEDENKO Então, está com cerimónias para quê? *(Sai com SORIN)*

ARKADINA Assustou-me, de verdade!

TREPLEV Ele não se dá bem no campo, para ele não é saudável. Quando está aqui, vai-se abaixo. Se tu pudesses abrir, um pouquinho só, essas mãos sempre fechadas, teres um rasgo de generosidade e emprestares ao tio uns mil e quinhentos, dois mil rublos. Ele assim podia ficar na cidade um ano inteiro...

ARKADINA Não tenho dinheiro. Não sou banqueiro, sou atriz.

(Pausa)

TREPLEV Muda-me a ligadura, mamã. Sabes tão bem mudá-la.

ARKADINA *(Tirando do armário um frasco de tintura e ligaduras)* Está a demorar, o doutor.

TREPLEV Prometeu que vinha às dez, e já é meio-dia.

ARKADINA Senta-te. *(Tira a ligadura)* Está posta como um turbante. Ontem, na cozinha, alguém, que não era da casa, perguntou de que terra vinhas. Ora, está praticamente curado. Já só falta uma pontinha, quase nada. *(Dá-lhe um beijo na cabeça)* Quando eu não estiver cá, não fazes outra vez pum-pum na tua cabeça, pois não?

TREPLEV Não, mamã. Foi um momento de desespero, eu estava louco, não consegui controlar-me. Não vai acontecer outra vez. *(Beija a mão da mãe)* As tuas mãos são de seda. Lembro-me, há tanto tempo, quando ainda trabalhavas no Teatro Imperial - eu era muito pequeno, nessa altura - houve uma grande zaragata, no pátio. Uma lavadeira que vivia connosco, na nossa casa, levou uma tarefa horrível. Lembras-te? Levantaram-na do chão, inconsciente. E tu trataste dela, até ficar boa. Arranjaste-lhe remédios, e davas banho aos filhos dela, numa tina. Não te lembras?

ARKADINA Não. *(Põe-lhe uma ligadura nova)*

TREPLEV Também viviam lá no prédio, nessa altura, duas bailarinas... Costumavam vir tomar café contigo.

ARKADINA Do café, lembro-me.

TREPLEV Eram tão devotas! *(Pausa)* Nestes últimos dias, tenho sentido por ti o mesmo amor de antigamente, que eu sentia quando era criança - uma ternura muito grande, do fundo do coração. Não tenho mais ninguém, senão tu. Só que... porque é que esse homem se meteu entre nós dois?

- ARKADINA Tu não compreendes, Konstantin. Ele é uma pessoa superior...
- TREPLEV No entanto, quando lhe chegou aos ouvidos que eu tencionava desafiá-lo para um duelo, essa superioridade não o impediu de se portar como um cobarde. Vai-se embora. Uma fuga vergonhosa!
- ARKADINA Mas que tolice! Fui eu que lhe pedi para nos irmos embora... Uma pessoa superior! Estás a ver, nós aqui quase a zangar-nos e ele na saleta ou lá fora no pomar a rir-se de nós os dois... está a burilar a personalidade da Nina, e a tentar convencê-la de que é um génio.
- ARKADINA Dá-te muito prazer dizeres coisas desagradáveis. Eu respeito esse homem, e peço-te que quando eu estiver presente, guardes para ti os teus verrinosos pensamentos a seu respeito.
- TREPLEV Eu não lhe tenho respeito nenhum. Claro, querias que eu me convencesse também de que ele é um génio. Perdoame, não sei mentir - os livros dele dão-me vômitos.
- ARKADINA É pura inveja. As pessoas pretensiosas, mas sem talento, acabam por não fazer mais nada senão maldizer os que são realmente dotados de talento! Que linda forma de se consolarem.
- TREPLEV *(Com ironia)* “Realmente dotados de talento”, ora vejamos! *(Furioso)* Quanto a isso, eu tenho muito mais talento do que vocês todos juntos. *(Arranca a ligadura da cabeça)* Vocês e as vossas convençõeszinhas tacanhas são quem manda na arte, hoje em dia. Consideram que só o que é feito por vocês é genuíno, autêntico - suprimem e destroem tudo o mais. Recuso-me a reconhecer-vos, e à vossa supremacia! Não admito a tua, nem a dele!
- ARKADINA Decadente!
- TREPLEV Vai, vai para o teu querido teatro, representar essas peças lamentáveis, medíocres.

ARKADINA Nunca representei peças dessas! Deixa-me. Tu, que nem sequer tens talento que chegue para escreveres um vaudeville miserável. Pequeno burguês de Kiev! Parasita!

TREPLEV Forreta!

ARKADINA Pé descalço! (*TREPLEV senta-se, e chora em silêncio*) Perfeita nulidade! (*Caminha de um lado para o outro, muito agitada*) Não chores. Não é preciso. (*Chorando*) Não devias... chorar... (*Beija-o na testa, nas faces, na cabeça*) Meu querido filho, perdoa-me. Perdoa à tua mãe, que é a culpada... Sinto-me tão infeliz...

TREPLEV (*Abraçando-a*) Se soubesses! Perdi tudo, tudo. Ela deixou de gostar de mim, e agora não consigo escrever... As minhas esperanças foram-se todas...

ARKADINA Vá, não percas a coragem. Tudo se há-de remediar. Ele vai-se embora daqui a pouco, e ela volta a gostar de ti. (*Limpa-lhe as lágrimas*) Pronto, pronto. Acabou-se a zanga, reconciliamo-nos.

TREPLEV (*Beijando-lhe a mão*) Está bem, mamã!

ARKADINA (*Com ternura*) Então, reconcilia-te com ele, também. Não é preciso duelo nenhum. Bem sabes que não.

TREPLEV Está bem... Mas só há uma coisa, mamã... não insistas em que eu me encontre com ele. Custa-me muitíssimo... Não tenho forças. (*Entra TRIGORIN*) Pois, eu vou indo. (*Guarda as coisas no armário, rapidamente*) O doutor, depois, põe-me a ligadura.

TRIGORIN (*Folheando um livro*) Página 121, linhas 11 e 12. Está aqui mesmo. (*Lê*) “Se alguma vez dela precisares, toma a minha vida.” (*TREPLEV apanha do chão a ligadura e sai*)

ARKADINA (*Olhando o relógio*) Devem estar mesmo a trazer-nos os cavalos.

- TRIGORIN *(Consigo mesmo)* “Se alguma vez dela precisares, toma a minha vida.”
- ARKADINA Tens a tua bagagem pronta, espero?
- TRIGORIN *(Impaciente)* Tenho, tenho! *(Pensativo)* Porque sentirei eu uma tal dor, neste grito que alguém, que tem a alma tão pura, me lança? Porque desperta ele, também, em meu coração, tanta dor? “Se alguma vez dela precisares, toma a minha vida.” *(Para ARKADINA)* Podíamos ficar mais um dia! *(ARKADINA abana a cabeça negativamente)* Ficamos!
- ARKADINA Meu querido, sei perfeitamente o que é que está a prendê-lo aqui. Mas tem de ter força e dominar-se. Sente uma certa embriaguez, mas tem de regressar ao seu estado sóbrio.
- TRIGORIN E você, por favor, seja também sensata, seja gentil comigo, seja razoável, peço-lhe. Encare isto tudo como uma verdadeira amiga... *(Aperta-lhe as mãos)* É uma pessoa capaz de sacrifício. Peço-lhe que seja minha amiga, e que me dê liberdade...
- ARKADINA *(Muito perturbada)* Estás assim tão apaixonado por ela?
- TRIGORIN Há qualquer coisa nela que me atrai irresistivelmente! Talvez isto seja o que me fazia falta.
- ARKADINA O amor duma provincianazinha! Ah, que mal se conhece a si próprio!
- TRIGORIN As vezes, as pessoas vão a andar, e a dormir ao mesmo tempo. É assim que eu estou neste momento. Aqui, a falar consigo e, ao mesmo tempo, é como se estivesse a dormir e a vê-la a ela em sonhos... Sonhos tão doces, tão maravilhosos, que se apoderaram de mim... Deixe-me ir...
- ARKADINA *(Tremendo)* Não, não. Eu sou uma mulher vulgar. Não pode falar comigo nesses termos... Não me atormente, Boris... estou assustadíssima.

TRIGORJN Se quisesse podia ser extraordinária. Ah, o amor de uma rapariga assim, tão encantadora, poética, e que me transporta para o reino dos sonhos - só um amor como este, e mais nenhum, pode trazer a alegria na terra! Eu nunca tinha experimentado este amor... Quando era novo, não tive tempo, andava a bater à porta de editoras, num frenesi, para poder viver...E agora esse amor veio, veio finalmente, e arrasta-me para ela... Para que serve tentar fugir-lhe?

ARKADINA (*Furiosa*) Perdeu o juízo?

TRIGORIN Talvez.

ARKADINA Hoje, todos vocês se juntaram de modo a atormentar-me! (*Chora*)

TRIGORIN (*Deitando as mãos à cabeça*) Não entende! Não quer entender!

ARKADINA Vê-me assim tão velha e tão horrível, para me poder falar de outras mulheres sem o menor assomo de embaraço? (*Abraça-o e beija-o*) Enlouqueceu! Meu tão belo, magnífico... És meu, é a derradeira página da minha vida! (*Cai de joelhos*) Oh, minha alegria, meu orgulho, meu paraíso! (*Abraça-se-lhe aos joelhos*) Se me deixar - nem que seja por uma hora - não saberei resistir a esse abandono, acho que vou perder a razão. Ó maravilha! Tesouro! Ó meu senhor e soberano!

TRIGORIN (*Fazendo-a levantar-se*) Pode entrar alguém!

ARKADINA Que entrem! Não me envergonho do meu amor por si. (*Beija-lhe as mãos*) Minha riqueza, meu louco, anda como doido, não anda?, mas eu não o deixo, não quero... (*Ri*) É meu... meu... E esta testa é minha, e estes olhos são meus, e este cabelo, tão lindo, tão macio e sedoso, é meu... És todo meu. Tem imenso talento, é fulgurante, o melhor escritor vivo. É a maior e única esperança da nossa Rússia... Uma grande autenticidade, frescura, simplicidade, e humor são... Com um só traço da sua pena, consegue exprimir o que é geral e simultaneamente distintivo, quer de uma pessoa quer de

uma paisagem. As suas personagens têm imensa vida. Oh, impossível ler os seus livros e não ficar absolutamente extasiado! Julga que estou a exagerar? Que é só lisonja? Olha-me nos olhos... Vá, veja bem... Acha que tenho o ar de quem está a mentir? Aliás, sou eu a única pessoa que sabe apreciá-lo devidamente. E também sou a única que te diz a verdade, meu querido, minha doçura. Vem comigo, não vem?... Vem? Não vai deixar-me, pois não?

TRIGORIN Não tenho vontade própria, nunca tive vontade própria. Mole, sempre à beira de perder um mínimo de consistência, sempre submisso. Como é que uma mulher gosta disto? Leve-me, pegue em mim, não me deixe dar um único passo para longe de si.

ARKADINA *(Consigo)* Consegui. *(Displicente, como se nada tivesse acontecido)* Mas se quiser, pode ficar cá. Eu vou adiante, sozinha, e pode ir depois. Daqui a uma semana, por exemplo. Afinal, porque havia de sair daqui com tanta precipitação?

TRIGORIN Não, é melhor irmos juntos.

ARKADINA Como queira. Vamos juntos, pronto. *(Pausa. TRIGORIN escreve num caderno de apontamentos)* O que é que?

TRIGORIN Um belo nome que ouvi hoje de manhã. “O Pinhal das Moças”. Ainda pode ser útil. *(Esperguiça-se)* Quer dizer que vamos indo? Outra vez, carruagens, estações, comida de bufete, bifinhos, conversa e mais conversa...

SHAMRAEV *(Entra)* Tenho a honra de vos anunciar, se bem que muito pesaroso, que os cavalos estão prontos. Está na hora de irem andando para a estação, minha estimadíssima senhora, o comboio chega às duas e cinco. E, por favor, Irina Nikolaevna, não se esqueça, não? De ver se consegue saber alguma coisa do que é feito do grande actor Suzdaltsev. Onde estará ele, agora? Estará ainda vivo? Terá saúde? Há muito tempo, muito, íamos beber juntos, tantas vezes, ele e eu. Absolutamente inimitável, no *Roubo do Correio*. Nessa altura, ele trabalhava, também, em Yelisavetgrad, com o

Ismailov, o grande trágico, que era uma pessoa muito singular, também, à sua maneira. Não há motivo para tanta pressa, minha querida senhora, ainda nos restam cinco minutos. Uma vez, havia uns conspiradores, num melodrama qualquer, já não sei qual, e eles deviam dizer: “Apanhados como ratos pelo isco”, mas o Ismailov disse: “Apanhados como risco pelo iato”. “O risco pelo iato!” Ah! Ah! *(Ri, ruidosamente)*

(Enquanto SHAMRAEV fala, YAKOV anda, apressado, para trás e para a frente, com malas; uma criada traz a ARKADINA o chapéu, o casaco de abafo, a sombrinha, as luvas. O COZINHEIRO assoma, na porta à esquerda, e entra, hesitante, decorridos alguns minutos. Entra POLINA Andreevna, seguida de SORIN e de MEDVEDENKO)

POLINA *(Traz um pequeno cesto)* Trago aqui umas ameixas, para levar para o caminho... São muito doces. Pode ser que lhe apeteça...

ARKADINA É uma grande gentileza, Polina Andreevna.

POLINA Adeus, minha querida! E se houve alguma coisa que não lhe agradou, terá de desculpar-nos, por favor... *(Chora)*

ARKADINA *(Abraçando-a)* Esteve sempre tudo ótimo. Não, não esteja a chorar, não há motivo.

POLINA O nosso Tempo vai passando!

ARKADINA E o que é que nós podemos fazer?

SORIN *(Entra, pela esquerda, de chapéu, capote, e bengala; atravessa a sala, falando)* Está na hora, minha irmã. Atrasados, e está tudo dito. Vou já sentar-me na carruagem. *(Sai)*

MEDVEDENKO Também vou à estação despedir-me, mas vou a pé... Eu ando depressa. *(Sai)*

ARKADINA Até à vista, meus queridos... E se todos estivermos ainda vivos e de boa saúde, havemos de ver-nos no Verão, outra vez. *(A CRIADA, YAKOV e o COZINHEIRO)*

beijam-lhe a mão) Não se esqueçam de mim. *(Dá um rublo ao COZINHEIRO)* Um rublo, para os três.

COZINHEIRO Muito agradecidos, minha senhora. Boa viagem! É sempre tão bondosa connosco.

YAKOV Deus lhe dê muitas alegrias!

SHAMRAEV Ficávamos muito satisfeitos se, de vez em quando, nos mandasse umas palavrinhas. Adeus, Boris Alexeevich!

ARKADINA E o Konstantin, onde está? Digam-lhe que me vou já embora. Temos que nos despedir. E desculpem se houve alguma coisa. *(Para YAKOV)* Dei um rublo ao cozinheiro. É para vocês os três.

(Saem todos pela direita. O palco está vazio. Ouvem-se, fora, os ruídos habituais de uma partida. Entra a criada, pega no cesto das ameixas e sai novamente)

TRIGORIN *(Que voltou atrás)* Esqueci-me da minha bengala. Com certeza está no terraço. *(Dirige-se ao terraço e encontra-se com NINA, que vem a entrar, pela esquerda).* Está aqui? Nós vamos embora.

NINA Tinha o pressentimento de que ainda nos havíamos de ver. *(Excitada)* Boris Alexeevich, tomei uma decisão - os dados estão lançados - vou para o teatro. Quando chegar o dia de amanhã, eu já não estarei aqui, vou fugir de casa, fugir de tudo e de todos, começar uma vida nova, vou-me embora daqui e vou para onde vocês vão... para Moscovo. Havemos de nos ver.

TRIGORIN *(Lançando um olhar para trás)* Vá para o Hotel Slavyansky... E mande logo dizer... Rua Molchanovka, a casa de Grokholsky... Tenho de ir já, a correr.

(Pausa)

NINA Um minuto, só um minuto mais...

TRIGORIN *(Sussurrando)* Tão bela, tão... sinto-me muito, muito feliz, só de pensar que vamos ver-nos em breve. *(NINA*

encosta a cabeça no peito dele) E hei-de voltar a ver estes olhos divinos... este sorriso tão suave... estes traços tão meigos... esta pureza angelical... minha querida. (Beijo prolongado)

FIM DO III ACTO

ACTO IV

(Saleta, em casa de SORIN, que foi transformada, por, TREPLEV, em escritório. A direita e à esquerda, portas de acesso às divisões interiores. Na cena alta, em frente, uma portada de vidro, que dá para o terraço. Além do mobiliário habitual de saleta, vê-se, num recanto à direita, uma escrevaninha; junto à porta da esquerda, um divã e uma estante com livros. Livros nos parapeitos das janelas e nas cadeiras. À tardinha. Uma luz única, a arder sob o abat-jour. Meia-luz. Ouvem-se sons, que vão variando rapidamente: do vento nas árvores, do uivar nas chaminés. O guarda-nocturno passa e bate as habituais pancadas em sinal de que tudo está bem.

MEDVEDENKO e MASHA entram)

MASHA *(Chama)* Konstantin Gavrilych! Konstantin Gavrilych!
(Olha à volta) Não está aqui ninguém. E o nosso velho, de minuto a minuto, a perguntar pelo Kostya. “Onde está o Kostya, onde está?” Não consegue viver sem ele.

MEDVEDENKO A solidão apavora-o. *(Escuta)* Mas que tempo, terrível! Já assim estamos, há quase dois dias e duas noites.

MASHA *(Levanta a luz do candeeiro)* O lago está coberto de ondas. Ondas gigantescas.

MEDVEDENKO Está uma escuridão total, no jardim. Deviam ter mandado desarmar o palco. Para ali ficou; no meio do jardim, desguarnecido e desarticulado, como um esqueleto, e com a cortina a espanejar ao vento. Ontem à noitinha, passei lá ao pé e pareceu-me ouvir alguém a chorar, lá dentro.

MASHA Ora, histórias... *(Pausa)*

MEDVEDENKO Masha, vamos para casa!

MASHA *(Abanando a cabeça negativamente)* Tenciono ficar aqui, esta noite.

MEDVEDENKO (Implorando) Vamos, Masha. O nosso filho deve estar cheio de fome.

MASHA Que disparate. A ama trata dele. *(Pausa)*

MEDVEDENKO Faz-me muita pena. Já é a terceira noite que ele não tem a mãe ao pé.

MASHA Estás a tornar-te uma pessoa tão aborrecida. Antigamente, ao menos de vez em quando, sempre tinhas umas saídas filosóficas, mas agora é só “o filho a casa, o filho a casa”.e pronto, daí não passas.

MEDVEDENKO Vamo-nos embora, Masha!

MASHA Podes ir tu.

MEDVEDENKO O teu pai não me dá cavalos.

MASHA Dá, com certeza. Vai lá pedir-lhos. Ele dá-tos.

MEDVEDENKO Bem, vou pedir. Fico a contar que venhas amanhã, está bem?

MASHA *(Aspira uma pitada)* Pronto, amanhã vou. Não desistes...

(Entram TREPLEV e POLINA Andreevna. TREPLEV traz um cobertor e almofadas; POLINA traz os lençóis. Põem tudo no divã. TREPLEV vai sentar-se junto à mesa)

MASHA Para quem é isto tudo, mamã?

POLINA O Piotr Nikolaevich pediu que o instalássemos na saleta do Kostya.

MASHA Posso... *(Ajuda a fazer a cama)*

POLINA *(Suspirando)* As pessoas de idade são iguais às crianças pequenas. *(Aproxima-se da escrevaninha e fica a olhar, por momentos, o manuscrito que lá está, apoiada no cotovelo. Pausa)*

MEDVEDENKO Bem, eu vou andando. Adeus, Masha. *(Beija a mão da mulher)* Adeus, mamã. *(Faz menção de beijar a mão da sogra)*

POLINA *(Agastada)* Ora! Vá andando, vá! Se pensa ir!

MEDVEDENKO Boa noite, Konstantin Gavrilych!

(TREPLEV aperta-lhe a mão, em silêncio. MEDVEDENKO sai)

POLINA *(Lançando um olhar para o manuscrito)* Ninguém imaginava que havias de ser um escritor a sério, Kostya. E, afinal, é, e os jornais até já lhe mandam dinheiro. *(Passa a mão pelo cabelo dele)* E está um homem, lindo... Querido Kostya, é tão bom rapaz, -mas queria que fosse mais simpático com a minha Masha.

MASHA *(Fazendo a cama)* Deixe-o, mamã!

POLINA *(Para TREPLEV)* Ela é um amor. *(Pausa)* As mulheres querem apenas uma única coisa, Kostya: um olhar de carinho. Sei-o por mim.

(TREPLEV levanta-se, e sai, silencioso)

MASHA Vê, aborreceu-o! Tinha de ser, não tinha?

POLINA Tenho muita pena de ti, Masha.

MASHA Isso ajuda-me imenso!

POLINA Parte-se-me o coração, por tua causa. Vejo muito bem tudo o que se passa, sabes?, e entendo.

MASHA Não interessa. Um amor sem esperança, como nos romances. Um disparate. Não podemos deixar-nos ir, não podemos ficar do dia de São nunca... Quando o amor se entranha no coração, temos de o expulsar de lá para fora. Prometeram que vão transferir o meu marido para outro distrito. Mudamo-nos para lá, e esqueço-me de tudo, tudo. Arranco tudo do coração, arranco tudo pela raiz.

(Fora, noutra sala, ouve-se tocar wna valsa melancólica)

POLINA É o Kostya que está a tocar .Está triste...

MASHA *(Dando duas voltas silenciosas, ao ritmo da valsa)* O principal, mamã, é não estar sempre a encontrá-lo, cara a cara. Se derem a transferência ao meu Semyon, eu, ao fim de um mês de lá estar, já não me lembro de nada. Acredite. É um disparate, isto tudo.

(Abre-se a porta, à esquerda, e entra SORIN, na cadeira de rodas, empurrado por DORN e MEDVEDENKO)

MEDVEDENKO Somos seis, lá em casa. E a farinha subiu para setenta copeques a arroba.

DORN Arranje-se como puder!

MEDVEDENKO Ria-se, ria-se! O senhor, sim, é que tem tanto dinheiro que dá para atirar pela janela fora.

DORN Dinheiro, eu? Há trinta anos que exerço, e não tenho tido paz nem sossego, meu caro amigo, nem pude dispor dos meus dias e das minhas noites, e para juntar o quê? Dois mil rublos, só. E mais, até esses dois mil gastei-os numa viagem que fiz ao estrangeiro, há pouco tempo. Não tenho absolutamente coisa nenhuma.

MASHA *(Para o marido)* Então, não foste, ainda?

MEDVEDENKO *(Comprometido)* E a culpa é minha? Ainda não me deram os cavalos.

MASHA *(Com amargura e desapontamento, entre-dentes)* Já não posso ver-te à minha frente!

(A cadeira de rodas fica na zona esquerda da sala. POLINA, MASHA e DORN sentam-se, perto. MEDVEDENKO, ressentido, senta-se no outro extremo da sala)

DORN Mudaram muito o arranjo disto! Duma sala de estar fizeram um escritório.

MASHA Assim fica melhor, para o Konstantin Gavrilych trabalhar. E pode sair directamente para o jardim, se lhe apetecer ir para lá pensar.

(Ouvem-se as pancadas do guarda-nocturno)

SORIN A nossa querida irmã?

DORN Foi à estação esperar o Trigorin. Devem estar mesmo a chegar

SORIN Se vocês mandaram chamar a minha irmã, é porque eu estou mesmo mal. *(Após um silêncio)* Pois é, uma história engraçada - eu até estou mal, mas não me dão remédios nenhuns...

DORN E o que é que quer? Umas gotas de valeriana? Bicarbonato de soda? Quinino?

SORIN Pois é, pois, já conheço essa sua filosofia. Já estou arrumado! *(Acena com a cabeça, na direcção do divã)* Preparado, para mim?

POLINA Para si, Piotr Nikolaevich.

SORIN Muito agradecido.

DORN *(Cantarolando)* “Lua, que flutuas tão alto... nos céus nocturnos...”

SORIN Tenho um bom tema para uma história, que gostava de dar ao Kostya: “O homem que quis”, “L 'Homme qui a voulu”. Noutros tempos, quando eu era moço, queria ser escritor e nunca fui. Queria ser um excelente orador e sou um péssimo orador. *(Imitando-se)* “E está tudo dito, e por aí fora, e pode ser que sim, pode ser que não”; e sempre que precisava de sintetizar, num pequeno resumo, dava voltas e voltas, e o mais que conseguia era cobrir-me de suores frios. Estava também firmemente apostado em me casar - e não casei. Apostado em viver na cidade a vida toda - e cá estou eu, no campo, a acabar os meus dias, e está tudo dito.

DORN Queria ser conselheiro de Estado, e foi.

SORIN *(Rindo)* Não me esforcei especialmente para o ser. Aconteceu, muito simplesmente.

DORN E estar-nos aqui a dizer que está descontente com a vida, aos sessenta e dois anos, admita que é um tanto mesquinho, da sua parte.

SORIN Não desarma, você. Compreenda de uma vez por todas que eu quero viver .

DORN É uma leviandade. A vida tem sempre um fim. Este é o decreto da Natureza.

SORIN Você fala sempre como uma pessoa que está perfeitamente saciada por tudo o que quis da vida. Está saciado, já nada lhe toca. Não lhe interessa. Mas quando chegar a sua vez, há-de também sentir medo da morte...

DORN O medo da morte é um sentimento animal..., que temos de aprender a reprimir. Só aqueles que crêem que há vida eterna é que têm consciência do medo da morte, e o que os apavora são os seus próprios pecados. Ora o senhor, em primeiro lugar, mal pode ser considerado um crente e, em segundo lugar, que pecados cometeu? Serviu no departamento da Justiça durante vinte cinco anos - só isso.

SORIN *(Ri)* Vinte e oito anos.

(TREPLEV entra e senta-se numa banquetta, aos pés de SORIN . MASHA não tira os olhos dele)

DORN Estamos aqui todos, a perturbar o trabalho do Konstantin Gavrilovich.

TREPLEV Não, não tem importância. *(Pausa)*

MEDVEDENKO Permita-me que lhe faça uma pergunta, doutor. Que cidade estrangeira mais aprecia?

DORN Génova.

TREPLEV E porquê Génova?

DORN Tem gente espantosa nas ruas. À noitinha, quando saímos do hotel, é um mar de gente. E deixamo-nos ir, conduzidos ao sabor da multidão, sem objectivo, aos ziguezagues, numa direcção, na outra, sentindo que a nossa vida está ligada àquela massa de gente, fundida nessa massa psicologicamente. Começamos a acreditar que é possível uma alma única do mundo, muito semelhante àquela que a Nina Zarechnaya interpretou na sua peça, Konstantin Gravilovich. A propósito, onde está agora a Zarechnaya? O que será feito dela?

TREPLEV Deve estar bem.

DORN Ouvi dizer que tinha uma vida bastante estranha. O que foi que aconteceu?

TREPLEV Uma longa história, doutor.

DORN Resuma.

TREPLEV Fugiu de casa, e juntou-se ao Trigorin. Isso já o senhor sabe, não é?

DORN Sim, isso já eu sabia.

TREPLEV Teve um filho, o filho morreu. O Trigorin desapaixonou-se, e voltou para os seus amores de antes, como seria de prever. A bem dizer, ele nem sequer nunca os renegara, mas dada a sua falta de carácter, lá conseguiu ir tocando todas as notas do instrumento ao mesmo tempo. Tanto quanto entendo do que me vão contando, a vida da Nina foi um fracasso, uma autêntica desgraça.

DORN E a carreira no teatro?

TREPLEV Pior, ainda. Estreou-se numa qualquer estanciazita de férias perto de Moscovo, depois foi para a província. Nesses primeiros tempos, eu andava sempre por perto, e mesmo depois, onde quer que ela aparecesse, lá estava

eu. Ela só se atirava a grandes papéis, mas desempenhava-os em bruto, sem gosto, sempre com a estafada gritaria, gestos sacudidos. Não quer dizer que não houvesse momentos em que ela não lançasse uns gritos de angústia com verdadeiro talento ou em que não soubesse morrer com talento, mas eram apenas momentos, mais nada.

DORN Mas ela tem jeito, ao fim e ao cabo ?

TREPLEV É difícil saber. Sim, deve ter algum. Eu vi-a muitas vezes, mas ela a mim nunca me quis ver. Os criados, impediam-me sempre a entrada, no quarto dela, no hotel. Eu compreendia os sentimentos dela, e não insisti nunca em que nos encontrássemos. *(Pausa)* O que quer que lhe diga mais? Mais tarde, quando eu voltei para aqui, ela ainda me escreveu umas quantas vezes. Cartas inteligentes, calorosas, interessantes. Não se queixava, nunca, mas eu sentia perfeitamente que ela estava profundamente infeliz – cada linha era um nervo dorido, tenso. Parecia ter a imaginação perturbada, assinava sempre “a gaivota”. Como o moleiro da *Sereia* de Pushkin, que diz que é um corvo. Ela, em todas as cartas, dizia que era uma gaivota. Ela está cá, também.

DORN Cá? Onde?

TREPLEV Na vila, na estalagem. Tem lá um quarto, há 5 ou 6 dias. Fui lá, e a Marya Ilinishna também foi, um dia, mas ela não quer ver ninguém. O Semyon Semyonovich garante que a viu, ontem, depois do jantar, a passear pelo campo, a meia légua daqui, não mais.

MEDVEDENKO Pois foi, eu vi-a. Ía naquela direcção, a caminho da vila. Cumprimentei-a e perguntei-lhe porque não vinha visitar-nos. Disse-me que tencionava vir.

TREPLEV Mas não vem. *(Pausa)* O pai e a madrasta não querem saber dela. Têm por aí guardas espalhados, só para impedir que ela se aproxime da quinta. *(Chega-se à escrevaninha, com o doutor)* É tão fácil, doutor, filosofar no papel, e é tão difícil passar à prática.

SORIN Uma rapariguinha que era um encanto.

DORN Como?

SORIN Disse que era uma rapariguinha encantadora. O conselheiro de Estado Sorin até se apaixonou por ela, a certa altura.

DORN Ah! Seu velho licencioso! *(Ouve-se o riso de SHAMRAEV)*

POLINA Parece-me que os nossos viajantes já chegaram da estação.

TREPLEV Pois é, estou a ouvir a mamã.

(ARKADINA e TRIGORIN entram, seguidos de SHAMRAEV)

SHAMRAEV *(Entrando)* Todos nós estamos cada vez mais velhos, vamo-nos gastando como as pedras... Mas vós, minha estimadíssima senhora, vós sois eternamente jovem... Essa blusa tão alegre... a vivacidade... a graça.

ARKADINA Veja lá se ainda me deita mau olhado com isso, que maçador!

TRIGORIN *(Para SORIN)* Viva, Piotr Nikolaevich! Então, sempre com alguma moléstia? É muito aborrecido! *(Vendo MASHA, com alegria)* Marya llinishna!

MASHA Reconhece-me? *(Apertam as mãos)*

TRIGORIN Casada?

MASHA Há muito tempo.

TRIGORIN E, feliz? *(Faz uma vénia a DORN e a MEDVEDENKO, aproxima-se a TREPLEV, hesitante)* A Irina Nikolaevna disse-me que tinha posto uma pedra sobre o passado, e que já não estava zangado comigo.

(TREPLEV estende a mão a TRIGORIN)

ARKADINA *(Para o filho)* O Boris Alexeevich trouxe-nos a revista onde vem o teu conto.

TREPLEV *(Pegando no jornal, para TRIGORIN)* Muito obrigado. Muito gentil.

(Sentam-se todos)

TRIGORIN Os seus admiradores mandam-lhe cumprimentos. Em S. Petersburgo e em Moscovo têm imenso interesse pelas suas coisas, estão sempre a perguntar-me por si. Perguntas e mais perguntas: como é ele, que idade tem, é louro, é moreno? Por qualquer estranho motivo, todos julgam que você já não é nada jovem. E nem sequer o seu nome verdadeiro conhecem, porque você tem sempre usado um pseudónimo, em tudo o que publica. Tornou-se tão misterioso como o Máscara de Ferro.

TREPLEV Fica por aqui uns dias connosco?

TRIGORIN Não, amanhã parto para Moscovo. Tem de ser. Estou com imensa pressa de acabar uma novela, e, depois, já prometi acabar mais qualquer coisa para uma colectânea de contos. Em suma, sempre o mesmo. *(Enquanto conversam, ARKADINA e POLINA trazem uma mesa de jogo para o centro da sala. SHAMRAEV acende velas e dispõe mais cadeiras à roda da mesa. Dum armário tiram uma caixa de loto)* O tempo não me deu bom acolhimento. Está um vento impiedoso. Amanhã, se a manhã estiver mais calma, ainda vou até ao lago, pescar um pouco. E também queria dar uma volta pelo jardim, ver outra vez o sítio onde armaram o palco, para a sua peça. Lembra-se? Tenho uma ideia para uma história, e só me falta pôr em dia as minhas recordações do lugar da acção.

MASHA *(Para pai)* Papá, deixa o meu marido levar um cavalo. Ele precisa de voltar para casa.

SHAMRAEV *(Irónico)* Um cavalo... para ir para casa... Acabas de ver que os cavalos vieram agora da estação. E não podem ir já pôr-se a caminho outra vez...

MASHA Sabes bem que há mais cavalos, além desses. (*Perante o silêncio do pai, faz um gesto de enfado*) Combinar coisas contigo é uma...

MEDVEDENKO Eu posso ir a pé, Masha. A sério.

POLINA A pé? Com este tempo? (*Senta-se à mesa de jogo*) Minhas senhoras e meus senhores...

MEDVEDENKO É só uma légua... Adeus... (*Beija a mão da mulher*) Adeus, mãezinha. (*A sogra estende-lhe com relutância a mão, para ele beijar*) E se fui importuno pedindo o cavalo, era por causa do bebé... (*Faz vénia, em geral*) Adeus... (*Sai, com uma expressão contrita*)

SHAMRAEV Pode muito bem ir a pé. Não é um general.

POLINA (*Dando umas pancadas na mesa*) Por favor, meus senhores, não temos tempo a perder, não tarda que nos chamem para a ceia.

(SHAMRAEV, MASHA e DORN sentam-se à mesa)

ARKADINA (*Para TRIGORIN*) Quando vêm as longas noites de Outono, joga-se o loto nesta casa. Anda ver - é o mesmo loto, muito velho, que jogávamos com a minha mãe - quando éramos crianças. Ainda vais jogar um joguinho connosco, antes de cear, não vais? (*Senta-se à mesa, assim como TRIGORIN*) É um jogo maçador, mas depois de nos habituarmos, já não parece tanto. (*Distribui três cartões a cada jogador*)

TREPLEV (*Folheando a revista*) Ele leu a história dele, vê-se, mas nem se deu ao trabalho de abrir as páginas da minha. (*Poisa a revista na escrevaninha e sai pela porta da direita. Ao passar junto da mãe, beija-a na cabeça*)

ARKADINA E tu, Kostya?

TREPLEV Perdoa-me... Não estou com paciência... Vou dar uma volta... (*Sai*)

ARKADINA A parada é de dez copeques. Ponha por mim, doutor.

DORN Aqui vai, minha querida senhora.

MASHA Já puseram todos? Vou começar... Vinte e dois!

ARKADINA Ótimo!

MASHA Três...

DORN Está a ir bem.

MASHA Já marcaram o três? Oito. Oitenta e um. Dez.

SHAMRAEV Mais devagar.

ARKADINA Tive uma tal recepção em Carcóvia, que ainda estou com a cabeça à roda, Deus meu!

MASHA Trinta e quatro!

(Fora, ouve-se tocar uma valsa melancólica)

ARKADINA Os estudantes, muitos estudantes, todos juntos, a aplaudirem-me. Três cestos cheios de flores, duas grinaldas, e ainda mais isto, vejam... *(Solta um broche que traz ao peito e atira-o para a mesa)*

SHAMRAEV. É de categoria, é...

MASHA Cinquenta!

DORN Cinquenta certos?

ARKADINA Eu estava com um vestido magnífico! Digam o que disserem, em matéria de roupa... sei muito bem o que hei-de usar...

POLINA É o Kostya, a tocar. Coitado, deve estar muito triste...

SHAMRAEV Os jornais têm-no arrasado, ultimamente.

MASHA Setenta e sete.

ARKADINA Porque há-de ele importar-se com isso?

TRIGORIN Não tem tido sorte. Ainda não bateu no ponto certo. É sempre tudo um bocado rebuscado, indefinido, às vezes quase delirante e nenhuma personagem viva.

MASHA Onze!

ARKADINA *(Fitando SORIN)* Petrusha! Estás a aborrecer-te?
(Pausa) Está a dormir.

DORN Sua Excelência o Conselheiro de Estado está a dormir!

MASHA Sete! Noventa!

TRIGORIN Se eu tivesse vivido sempre numa quinta como esta, à beira do lago, teria sido escritor como sou? Teria conseguido dominar a paixão de escrever, e havia de viver somente a pescar, a pescar.

MASHA Vinte e oito!

TRIGORIN Pescar uma perca ou um pimpão - ah, que prazer!

DORN Mas eu acredito no Konstantin Gavrilych. Tem qualquer coisa nele, isso tem! Tem qualquer coisa... Ele pensa por meio de imagens, os contos dele têm cor, a mim emocionam-me muito. Pena é ele não ter objectivos definidos. Impressiona-nos, nada mais. E bem sabemos que não se vai muito longe, só com impressões. Irina Nikolaevna, a si dá-lhe muita alegria ter um filho escritor?

ARKADINA Imagine que ainda não li nada dele. Não sei como, nunca tive tempo.

MASHA Vinte e seis!

(TREPLEV entra, devagar, e dirige-se à escrevaninha)

SHAMRAEV *(Para TRIGORIN)* Tenho aquilo ali, Boris Alexeevich.

TRIGORIN Aquilo, o quê?

SHAMRAEV A gaivota, que o Konstantin Gavriylch abateu, daquela vez, e que o senhor me pediu para embalsamar.

TRIGORIN Não me lembro! *(Pensativo)* Não me lembro nada!

MASHA Sessenta e seis! Um!

TREPLEV *(Abrindo a janela, e pondo-se à escuta)* Está uma tal escuridão... Não sei porquê, sinto-me inquieto...

ARKADINA Kostya, fecha a janela, faz corrente de ar.

(TREPLEV fecha a janela)

MASHA Oitenta e oito.

TRIGORIN Jogo!, meus senhores.

ARKADINA *(Satisfeita)* Bravo! Bravo!

SHAMRAEV Bravo!

ARKADINA É um homem com imensa sorte. Em tudo o que faz. *(Levanta-se)* E, agora, vamos comer qualquer coisa. Esta nossa celebridade não jantou sequer, hoje. Depois da ceia, jogamos mais. *(Para o filho)* Vá Kostya, deixa os escritos, vamos comer.

TREPLEV Não quero, mamã. Não tenho fome.

ARKADINA Como quiseres. *(Acorda SORIN)* Petrusha, são horas da ceia. *(Dá o braço a SHAMRAEV)* Vou contar-lhe em pormenor como é que fui recebida em Carcóvia...

(POLINA apaga as velas que estão na mesa; ela e DORN empurram a cadeira de SORIN, para fora da sala. Todos saem, pela esquerda. Sozinho em cena, TREPLEV está sentado na escrevaninha)

TREPLEV *(Prepara-se para escrever. Relê o que estava escrito)* Tenho falado tanto de formas novas, e afinal agora tenho a sensação de estar a cair, eu próprio, num palavreado convencional. *(Lê)* “O leteiro, na cancela; anunciava...”, “O rosto branco emoldurado pela

cabeleira negra” – “anunciava”, “emoldurado”... É mediocre. *(Risca)* Começo no ponto em que o herói é acordado pelo ruído da chuva, o resto é para o lixo. A descrição da noite de luar está muito longa, e arrebitada. Trigorin já arranhou uns truques que só ele sabe, para ele é fácil...Põe o gargalo quebrado de uma garrafa a faiscar sobre o dique, e a sombra da roda do moinho - e pronto, chegava para dar uma noite de luar. E eu, o que é que eu ponho? A luz trémula, a suave cintilação das estrelas, o longínquo som de um piano, a esmaecer na atmosfera calma e perfumada – Que tortura! Pois, cada vez estou mais convencido de que não é uma questão de formas, velhas ou novas, mas pura e simplesmente, daquilo que se escreve, sem pensar sequer na forma, o que se escreve vindo do fundo da alma, livremente. *(Ouve-se raspar, na janela, junto da mesa)* O que é? *(Olha para a janela)* Não se vê nada. *(Abre a vidraça e observa o jardim)* Alguém desceu agora mesmo a escadaria, a correr. *(Chama)* Quem está aí? *(Sai. ouvem-se-lhe os passos, apressados, ao longo do terraço. Passados segundos volta, com NINA Zarechnaya)* Nina! Nina! *(NINA poisa a cabeça no peito dele, banhada em lágrimas, e tenta dominar os soluços TREPLEV, muito emocionado:)* Nina! Nina! É você... está aqui. Eu estava com um pressentimento de que havia de vir - estive tão ansioso todo o dia. *(TREPLEV tira-lhe a capa e o chapéu)* Meu amor, minha querida, ela veio. Não vamos chorar, não, não vamos.

NINA Está aí gente.

TREPLEV Não está ninguém.

NINA Feche as portas, para não entrar ninguém.

TREPLEV Ninguém entra.

NINA Eu sei que a Irina Nikolaevna está cá. Feche bem as portas.

TREPLEV *(Fecha a porta da direita, e dirige-se à porta da esquerda)* Esta não tem chave. Ponho aqui o cadeirão. *(Encosta um cadeirão à porta)* Não tenhas receio, ninguém entra.

NINA *(Fixando a cara dele)* Deixe-me vê-lo bem. *(Olhando em volta)* É confortável, tem calor. Aqui era uma saleta, antigamente. E eu, mudei muito?

TREPLEV Mudou... Está mais magra, tens os olhos maiores. Nina, é tão estranho estar a vê-la, agora, assim. Porque é que não me deixava vê-la? Porque é que não vieste cá, até agora? Eu sei que está aqui há quase uma semana. Fui várias vezes onde está, estes dias todos. Tenho-me posto debaixo da sua janela, como um mendigo.

NINA Tinha medo de que me odiasse. Todas as noites sonho o mesmo: estás a olhar para mim e não me reconhece. Se você soubesse! Desde que estou cá, desde o momento em que cheguei, tenho andado muitas vezes por aqui, sempre caminhando pela beira do lago. Passei tantas vezes pela vossa casa, e nunca me atrevi a entrar. Sentamo-nos, um bocadinho; sentamo-nos e vamos conversar. Está-se bem, aqui – é quentinho, aconchegado. Ouve? O vento? No Turgueniev há uma passagem que diz: “Afortunado, quem, numa noite como esta, está sentado debaixo de um tecto, quem tem um abrigo quente.” Sou uma gaivota... Não, não é isto... *(Passa a mão pela frente)* De que é que eu estava a falar? Pois... Do Turgueniev: “E que Deus proteja os viandantes sem lar...” Não é nada. *(Soluça)*

TREPLEV Nina! Está a chorar outra vez, Nina!

NINA Não é nada. Alivia-me, chorar... Há dois anos que não choro. Ontem, já pela noite dentro, vim cá ao jardim, para ver se o nosso teatro ainda estava de pé. E está! Ao fim de dois anos, consegui chorar, e senti-me aliviada, senti a alma mais limpa. Vê, já não estou a chorar. *(Pega-lhe na mão)* Então, já é um escritor?! Você, é escritor, e eu, sou actriz... Já estamos apanhados no centro do remoinho, os dois... houve um tempo em que eu vivia feliz, como uma criança - de manhã, acordava e punha-me logo a cantar. Amava-o, sonhava com a fama, e, afinal? Amanhã de manhã cedo vou para Yelets, em terceira classe... com a gente do campo. Em Yelets, os

comerciantes mais cultivados, não me vão largar com galantarias. A vida é sórdida!

TREPLEV E porque é que há-de ir para Yelets?

NJNA Tenho contrato, para o Inverno todo. É altura de ir.

TREPLEV Nina, eu amaldiçoei-a, odiei-a, rasguei as suas cartas e as suas fotografias, mas, em todos os momentos, sempre senti que a minha alma lhe pertencia. Não tive força para deixar de amá-la, Nina. Desde que a perdi e que comecei a publicar, a vida tomou-se insuportável, para mim. Vivo num tormento... É como se me tivessem desapossado da minha juventude, como se eu tivesse já vivido noventa anos neste mundo. Chamava-a, beijava o chão que tu tinhas pisado... Para qualquer lado que olhasse, via sempre o teu rosto diante de mim. Esse sorriso tão doce, que me iluminava outrora, nos melhores anos da minha vida.

NINA *(Com uma expressão aflita)* Porque está ele a dizer estas coisas, estas coisas?

TREPLEV Estou sozinho. Não tenho ninguém, próximo de mim, que me dê calor, sinto frio, como se estivesse metido numa caverna, e tudo o que escrevo está cheio de secura, dureza, escuridão. Fique aqui, Nina, peço-lhe, ou deixe-me ir consigo! *(NINA põe apressadamente a capa e o chapéu)* Nina? Porquê? Por amor de Deus, Nina... *(Olha-a, a vestir-se. Pausa)*

NINA Tenho os cavalos à espera, no portão. Não venha comigo até lá... Eu saio sozinha... *(Por entre lágrimas)* Dê-me água...

TREPLEV *(Dá-lhe um copo de água)* Para onde vai, agora?

NINA Para a vila *(Pausa)*. A Irina Nikolaevna está cá, não está?

TREPLEV Está. O tio sentiu-se mal, na quinta-feira, e telegrafámos-lhe a dizer que viesse.

NINA

Porque é que diz que beijava o chão que eu pisava? Mereço que me matem... (*Curva-se apoiada na mesa*) Estou tão cansada! Se eu pudesse descansar um pouco... descansar! (*Levanta a cabeça*) Sou uma gaivota... Não, não é isto. Sou uma actriz. Pois é. (*Ao ouvir os risos de ARKADINA e TRIGORIN, corre para a porta à esquerda e olha pelo buraco da fechadura*) Ele também cá está... (*Regressa para perto de TREPLEV*) Pois é... Não foi nada... Ora... Ele não acreditava no teatro, ria-se dos meus sonhos e eu, pouco a pouco, deixei de acreditar também, caí no desânimo... As aflições que me dava esse amor, o ciúme, um medo constante de que acontecesse alguma coisa ao bebé. Tornei-me uma pessoa trivial, despersonalizada, desempenhava os papéis sem perceber o que fazia. Não sabia o que havia de fazer com as mãos, nem sabia estar no palco, nem controlar a minha voz. É uma sensação que o Konstantin não pode perceber, essa de uma pessoa saber por instinto que está a representar horrivelmente. Sou uma gaivota... Não, não é isto. Lembra-se de ter abatido uma gaivota? Um homem passa, não tem que fazer, e pronto, acaba com a gaivota! Dá para um pequeno conto. Não, não é isto. (*Passa a mão pela frente*) De que é que eu estava a falar? Estava a falar do teatro. Já não sou como dantes. Agora sou uma autêntica actriz, delicio-me com o prazer de desempenhar papéis, fico verdadeiramente inebriada, maravilhosa. Enquanto aqui estive, nestes dias; andei sempre a passear, passeios a pé, passeei muito e pensei muito; pensei e senti que a minha alma estava a ficar cada vez mais forte, dia após dia... Agora sei, Kostya, percebi que no nosso trabalho - e tanto faz estar no palco como escrever - o que é importante não é ter êxito, nem tão-pouco glória, nem nada do que eu sonhava - o que é importante é conseguir aguentar. Saber levar a cruz, e ter fé. Eu tenho fé, e assim não me dói tanto. Quando penso na minha vocação, já não tenho medo da vida.

TREPLEV

(*Triste*) Encontrei o teu caminho, sabes para onde vais. Mas eu ainda me sinto perdido, a navegar num turbilhão de sonhos e de imagens, sem saber o que há-de ser e nem em nome de quê. Não tenho fé, e ignoro o que é verdadeiramente a minha vocação.

NINA *(Escutando)* Psiu!... Agora, vou. Adeus. Quando eu, um dia, for uma grande atriz, vai ver-me. Promete? E agora... *(Aperta-lhe a mão)* É tarde. Quase que não me aguento em pé. Exausta. E queria comer...

TREPLEV Fique, arranjo-lhe qualquer coisa.

NINA Não, não venhas comigo, lá fora. Eu saio sozinha... Os cavalos estão perto... Ah, ela trouxe-o consigo ? Bem, não importa. Quando vir o Trigorin, não lhe fale em mim. Amo-o, amo-o ainda mais do que antes... Dá para um conto. Amo-o, amo-o apaixonadamente. Amo-o até ao desespero. Ah, antigamente era tão bom, lembra-se, Kostya? A vida, tão clara, tão quente, tão pura. Tínhamos sentimentos como flores, flores ternas e graciosas. Lembras-se? *(Recita)* “Os homens, os leões, as águias e as perdizes, os veados, os gansos, as aranhas, os mudos peixes que vivem no mar, as estrelas marinhas e todas as criaturas invisíveis aos nossos olhos, tudo o que vive, tudo e todos, após percorrerem o seu triste ciclo vital, estão agora extintos. Milhares de séculos foram, entretanto, passando, nesta desolada terra, sem um único vivente, e a pobre Lua em vão acendeu a sua lanterna. Esta campina, já não desperta com o grito das gralhas, e os ralos não cantam já na sombra das tílias.” *(Abraça TREPLEV impulsivamente, e sai a correr pela porta envidraçada)*

(Pausa)

TREPLEV Seria terrível se alguém a visse, no jardim, e. fosse contar à mamã. Podia afligir-se...

(Nos dois minutos seguintes, em silêncio, TREPLEV rasga todos os manuscritos e atira-os para debaixo da mesa. Depois, abre a porta à direita, que estava fechada à chave, e sai)

DORN *(Tentando abrir a porta da esquerda)* Estranho. Parece que a porta está fechada à chave. *(Entra, e põe o cadeirão no sitio)* Corrida de obstáculos.

(ARKADINA e POLINA entram, seguidas por YAKOV carregado de garrafas, e por MASHA; seguem-nos SHAMRAEV e TRIGORIN)

ARKADINA Põe aqui na mesa o vinho tinto e a cerveja do Boris Alexeevich. Vamos jogando e bebendo. Sentem-se, minhas senhoras e meus senhores.

POLINA *(Para YAKOV)* Traz o chá, também. *(Acende as velas e senta-se à mesa de jogo)*

SHAMRAEV *(Levando TRIGORIN até junto do armário)* Olhe, tenho ali aquilo de que lhe falei há pouco... *(Tira a gaivota embalsamada do armário)* Foi o senhor que me disse.

TRIGORIN *(Olhando para a gaivota)* Não me lembro! *(Pensando)* Não me lembro!

(À direita, fora de cena, ouve-se um tiro. Todos se sobressaltam)

ARKADINA *(Assustada)* O que foi?

DORN Não foi nada. Algum frasco que rebentou, na minha mala. Não se assuste. *(Sai, pela porta da direita, volta decorrido meio minuto)* Foi o que eu pensei. Estoirou um frasco de éter. *(Canta)* “Uma vez mais, aqui estou, diante de ti.”

ARKADINA *(Sentando-se à mesa)* Ah, assustei-me muitíssimo. Fez-me lembrar aquela vez, quando... *(Cobre a cara com as mãos)* Tudo ficou negro, à minha volta...

DORN *(Virando as páginas de um jornal, para TRIGORIN)* Há coisa de dois meses atrás, vinha um artigo neste jornal... uma carta da América... queria perguntar-lhe se... se, por acaso *(Agarra TRIGORIN pela cintura e condu-lo à boca de cena)*, visto que me interessa muitíssimo... *(Baixando o tom)* Leve daqui para fora a Irina Nikolaevna... O Konstantin Gavrilovich matou-se com um tiro.

FIM